

Ilustração: Imagem gratuita do site Canva editada pelo pesquisador

TEATRO DO OPRIMIDO E DIREITOS HUMANOS NO UNIVERSO DO TRABALHO



OFICINAS PEDAGÓGICAS PARA O PROEJA

Ricardo Miranda
Ana Carolina Rigoni Carmo



Ilustração da capa: Imagem gratuita “Canva”

Edição da imagem: Ricardo Miranda

**TEATRO DO OPRIMIDO E DIREITOS HUMANOS NO UNIVERSO DO
TRABALHO**

OFICINAS PEDAGÓGICAS PARA O PROEJA

Ricardo Miranda

Ana Carolina Rigoni Carmo

**TEATRO DO OPRIMIDO E DIREITOS HUMANOS NO UNIVERSO DO
TRABALHO**

OFICINAS PEDAGÓGICAS PARA O PROEJA

1ª EDIÇÃO



RIO DE JANEIRO, 2021

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

M672 Miranda, Ricardo.

Teatro do Oprimido e direitos humanos no universo do trabalho: oficinas pedagógicas para o Proeja / Ricardo Miranda ; Ana Carolina Rigoni Carmo. Rio de Janeiro: Imperial Editora, 2021.

76p.

Bibliografia: p. 75-76.

ISBN: 978-65-5930-054-9 .

1. Educação de jovens e adultos (EJA). 2. Educação e trabalho. 4. Teatro – Aspectos sociais. 5. Teatro do oprimido I. Carmo, Ana Carolina Rigoni. II. Título.

CDD 374

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves da Silva – CRB-7: 5692.



RESUMO

O produto educacional “Teatro do Oprimido e Direitos Humanos no universo do trabalho: Oficinas Pedagógicas para o Proeja” é resultado da pesquisa “Teatro e a formação integral: construindo caminhos para a Educação em Direitos Humanos no Proeja”, desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, do Colégio Pedro II. Trata-se de um Caderno de Oficinas com propostas de atividades e jogos direcionados aos educadores da Educação de Jovens e Adultos com objetivo de, através de músicas, poemas, textos normativos e jogos do Teatro do Oprimido propor uma discussão sobre as opressões vivenciadas no universo do trabalho pelos estudantes do Proeja, na sua grande maioria também trabalhadores. Assim, pautadas nos fundamentos da Educação em Direitos Humanos idealizados por Candau (1995; 2000; 2014) e nos fundamentos teóricos e metodológicos do Teatro do Oprimido, método desenvolvido pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal, as oficinas propostas apresentam estratégias para fomentar o debate acerca da dignidade humana no universo do trabalho. Compreendendo que uma educação integral não pode negligenciar dimensões afetivas e um saber constituído a partir do corpo, abordaremos primeiramente jogos e exercícios que tem como propósito a ampliação da consciência e expressão corporal dos participantes, possibilitando novas vivências no ambiente escolar e maior liberdade e autonomia aos participantes. Na sequência, iremos explorar algumas técnicas da Estética e do Teatro do Oprimido, cujo conjunto de exercícios e jogos Boal denominou de Arsenal do TO. O produto apresenta quatro Oficinas interligadas, que não se constituem como um receituário, mas como propostas que podem ser apropriadas e adaptadas pelos educadores que desejarem trabalhar com a temática dos direitos humanos no universo do trabalho, a princípio aplicadas à educação profissional e tecnológica, porém não se restringindo a essa área.

Palavras-Chave: Teatro do oprimido; PROEJA; Educação e trabalho; Educação em Direitos Humanos.

SUMÁRIO

Apresentação.....	7
Bases Teóricas e Metodológicas.....	10
Oficina 1 – Jogos Sensoriais e de Desmecanização.....	23
Oficina 2 – A Dignidade do Trabalhador.....	34
Oficina 3 – O que mais me indigna no universo do trabalho: improvisações a partir de reportagens.....	44
Oficina 4 – Situações de opressão no universo do trabalho: Teatro-Imagem.....	57
Palavras finais.....	71
Para saber mais sobre o Teatro do Oprimido.....	72
Para saber mais sobre Direitos Humanos no universo do trabalho.....	73
Referências bibliográficas	75





APRESENTAÇÃO

Prezado (a) educador (a)

O produto educacional apresentado faz parte da pesquisa “Teatro e formação integral: construindo caminhos para Educação em Direitos Humanos no Proeja” desenvolvida no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, de 2018 a 2021.

A pesquisa desenvolvida teve como objetivo investigar de que forma o teatro, pautado nos jogos do Teatro do Oprimido e alinhado com os pressupostos de uma formação integral, pode contribuir para a Educação em Direitos Humanos, mais especificamente discutindo as relações de opressão vivenciadas pelos educandos no universo do trabalho.

Obtivemos dados a partir de um questionário online, com questões objetivas e discursivas, direcionado aos estudantes dos cursos Técnicos em Administração e em Assistente Administrativo do Proeja, ofertados nos *Campi* Centro e Tijuca II do Colégio Pedro II. O questionário teve como objetivo investigar as concepções de direitos humanos dos estudantes e as formas de opressão que os sujeitos vivenciavam nas relações trabalhistas. Foram obtidos sessenta e três questionários preenchidos.

Assim, o presente caderno “Teatro do Oprimido e Direitos Humanos no universo do trabalho: Oficinas Pedagógicas para o Proeja” é resultado da pesquisa bibliográfica sobre Educação em Direitos Humanos (EDH), fundamentos do Teatro do Oprimido (TO) e precarizações no universo do labor, assim como dos dados empíricos coletados junto a estudantes do Proeja do Colégio Pedro II.

A partir da pesquisa bibliográfica, da análise dos dados e das minhas vivências e experiências com o TO, dentro e fora do contexto escolar formal, proponho atividades que utilizam músicas, poemas, textos jornalísticos e o jogos do Teatro do Oprimido com o propósito de promover reflexões sobre os Direitos Humanos no universo do trabalho, possibilitando aos educadores interessados um conhecimento inicial do TO e a possibilidade de desenvolver, junto aos jovens e adultos do Proeja, um espaço de diálogo e reflexão sobre as opressões vivenciadas resultantes das formas de trabalho/emprego na sociedade capitalista atual.

O caderno de Oficinas Pedagógicas foi pensado para ser uma contribuição aos educadores que atuam na Educação de Jovens e Adultos, assim como aos demais profissionais da educação, interessados em desenvolver práticas voltadas à Educação em Direitos Humanos, a partir do Teatro do Oprimido.

O produto educacional tem como objetivos:

- Refletir sobre o trabalho na sociedade contemporânea, compreendendo-o como elemento primordial à vida, e diferenciando-o da sua forma histórica enquanto emprego;
- Ofertar conhecimento teórico acerca do Teatro do Oprimido aos educadores interessados;
- Apresentar propostas de jogos e exercícios que estimulem a ampliação da consciência e expressividade corporal dos participantes;
- Apresentar propostas de jogos e técnicas capazes de promover a criação de metáforas expressas por palavras, sons e imagens para as opressões identificadas.

O caderno propõe quatro oficinas pedagógicas interligadas, com tempo estimado de duas horas e meia de duração cada, as quais podem ser desenvolvidas em atividades interdisciplinares, ofertadas conforme a proposta apresentada ou reorganizada de acordo com as condições concretas de cada realidade e as características dos discentes. As oficinas foram idealizadas como complemento à grade horária regular, sendo livre a adesão e a participação dos estudantes nos encontros.

Para o melhor desenvolvimento das atividades, recomenda-se a participação de no máximo 20 participantes.

O quadro a seguir indica os objetivos de cada encontro.

ORGANIZAÇÃO DAS OFICINAS	
4 encontros de aproximadamente duas horas e meia de duração	
OFICINAS	OBJETIVOS
OFICINA 1 Desmecanização e jogos sensoriais	<ul style="list-style-type: none"> • Discutir sobre os conceitos de trabalho e emprego; • Realizar jogos de integração, sensibilização e desalienação corporal.
OFICINA 2 A Dignidade do trabalhador/ Estética do Oprimido	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer e valorizar os participantes como produtores da vida social através do seu trabalho; • Vivenciar técnicas da Estética do Oprimido; • Aprofundar os conhecimentos sobre direitos humanos a partir de textos normativos.

<p>OFICINA 3</p> <p>O que mais me indigna no universo do trabalho?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Aprofundar as relações entre a dignidade do trabalhador e os direitos humanos relativos ao trabalho com a criação de cenas teatrais.
<p>OFICINA 4</p> <p>Discussão das situações de opressão no universo do trabalho/ Teatro-imagem</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Criar cenas de Teatro-imagem que retratem opressões vivenciadas pelos participantes. • Discutir as possíveis formas de resistências às opressões apresentadas.

Para a composição das oficinas levamos em consideração as principais formas de opressão vivenciadas pelos estudantes-trabalhadores em relação ao universo do trabalho, apontadas na pesquisa realizada e apresentadas abaixo:

1. Salários muito baixos;
2. Desemprego;
3. Trabalhar muitas horas por dia;
4. Muita cobrança e pressão por parte do empregador;
5. Falta de união dos trabalhadores e suas organizações (sindicatos, associações, etc);
6. Não ter carteira assinada;
7. Discriminação relacionada à orientação sexual dos trabalhadores.

Tais opressões serão debatidas e trabalhadas ao longo dos jogos e exercícios propostos.

É importante ressaltar que todo o material apresentado não se apresenta como um receituário, podendo e devendo ser adequado pelos educadores de acordo com a turma e a realidade de tempo e espaço para a sua organização.

Ao final deste caderno apresentamos fontes de consulta para que os educadores interessados possam aprofundar seus conhecimentos sobre Direitos Humanos e universo do trabalho, assim como indicações sobre o Método do Teatro do Oprimido.

Boa leitura!

Ricardo Miranda



BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Para Engels (1990) o trabalho, visto como a capacidade da espécie de modificar a natureza para atender suas necessidades, foi a condição básica para o desenvolvimento de toda vida humana, sendo por meio dele que os seres humanos se humanizaram. Ainda hoje, é através do trabalho que os homens e as mulheres produzem a si mesmos.

Desse modo, o trabalho não é apenas a prática econômica que nas sociedades capitalistas expressa-se como trabalho assalariado, mas é, antes disso, uma “ação humana de interação com a realidade para a satisfação de necessidades e produção de liberdade” (RAMOS, 2008, p. 3-4). Assim, trabalho, em seu sentido ontológico, é produção, criação, realização humana, apresentando-se como elemento básico da vida.

Porém, apesar de ocupar lugar de destaque na sociabilidade humana, o trabalho em sua forma histórica, como emprego assalariado, na grande maioria das vezes conduz a processos de alienação e não se mostra capaz de atender as necessidades básicas de sobrevivência da maioria dos sujeitos (MARX, 2004).

Com o avanço do neoliberalismo e com a implementação de reformas e reestruturações nos processos de produção e gestão do trabalho baseadas em um regime de acumulação flexível, as condições e formas de labor têm se tornado cada vez mais precárias. Na atualidade se intensificam as formas de trabalho desregulamentado, terceirizado, intermitente e informal, tendo sido reduzidos, ou mesmo suprimidos, direitos trabalhistas conquistados através de muita luta. Antunes (2018) ressalta que essa nova fase do capitalismo, ao intensificar as jornadas e as formas precárias de labor, ao retirar garantias, antes previstas em lei, ao instituir formas de gestão que utilizam o assédio como estratégia de controle, ocasiona adoecimentos e o empobrecimento da classe trabalhadora, impondo inúmeros desafios à resistência às investidas do capital.

Apesar da precarização no trabalho atingir a todos, os sujeitos pouco escolarizados – dentre estes os jovens e adultos que tiveram seu direito à educação negado na idade dita apropriada e retornam às instituições de ensino almejando possibilidades de melhores condições de vida – são mais duramente penalizados. Tais

sujeitos, homens e mulheres, pais e mães, em sua maioria negros e pardos, jovens adultos e também muitas vezes idosos, trabalhadores formais e informais, vivenciam um cotidiano marcado por situações opressivas, com poucas oportunidades de lazer e acessos aos bens culturais, com jornadas extensas de trabalho que muitas vezes se somam ao trabalho doméstico, com uma trajetória de vida marcada pela interrupção de sonhos e projetos. Para muitos deles a escola constitui-se como um espaço caracterizado por experiências traumáticas, entretanto, apesar de todos os desafios impostos, ou mesmo devido a eles, retornam às instituições de ensino com expectativas de construção de uma vida melhor.

Nesse sentido, a discussão sobre os direitos humanos no universo do labor adquire especial importância, principalmente no Proeja¹, tornando urgente a problematização das relações trabalhistas e o vislumbre de alternativas para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

O direito à educação e ao trabalho digno, que deveria ser garantido a todos, assim como os demais direitos humanos, são constantemente violados. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domínios – Pnad Contínua² (IBGE, 2021), revela que a taxa média de desemprego no Brasil foi de 14,7%, ou seja, 14,8 milhões de brasileiros encontravam-se na fila por um emprego no primeiro trimestre do ano de 2021, o que representou a maior taxa desde 2012. Em relação à informalidade, a pesquisa aponta que 34 milhões de pessoas trabalhavam sem carteira assinada, e, portanto, sem as seguridades previstas na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Em relação à amostra pesquisa neste trabalho, 41% dos respondentes indicaram o desemprego como principal fator de opressão em relação ao universo do trabalho e 46% afirmaram que sofrem com baixa remuneração, que não lhes garante condições materiais para uma vida digna. Dentre os sujeitos que se encontravam empregados, 23,8% indicaram o excesso de cobrança por parte do empregador como fator que afeta sua qualidade de vida, já 25,3% afirmaram que o elevado número de horas trabalhadas se constitui como um fator de opressão.

Tais índices apontam o aumento da informalidade e da precarização do trabalho, situação possivelmente agravada com a pandemia de covid-19 no ano de 2020.

Para Herrera Flores (2009), que assume uma perspectiva crítica dos Direitos Humanos, vendo-os como resultado das lutas sociais para garantir a dignidade humana, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) não deve ser vista como algo

¹ Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

² Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2021_1tri.pdf. Acessado em: 11 jun. 2021.

prévio e acabado, entregue aos que dela necessitam, mas como instrumento que pode propiciar espaços de luta e de reivindicação da dignidade e da emancipação dos sujeitos.

Assim, a conscientização de tais direitos, tal como das opressões vivenciadas, é condição necessária para sua promoção, é a partir da realidade concreta que podemos vislumbrar outras realidades possíveis. Esse processo vincula-se obrigatoriamente à educação, em suas diferentes modalidades, inclusive a educação institucionalizada através da escola, e também aos pressupostos do Teatro do Oprimido.

Gadotti (2007) afirma que para atender plenamente o direito à educação para todos, principalmente para os jovens e adultos que não tiveram acesso a este direito na idade dita regular, é necessária uma perspectiva ampla da educação, negando-se as concepções neoliberais, pois

O neoliberalismo concebe a educação como uma mercadoria, reduzindo nossas identidades às de meros consumidores, desprezando o espaço público e a dimensão humanista da educação. O núcleo central dessa concepção é a negação do sonho e da utopia, não só a negação ao direito à educação integral. Por isso, devemos entender esse direito como direito à educação emancipadora. (GADOTTI, 2007, p.18).

Assim, uma educação emancipadora deve compreender não apenas uma formação para o emprego, mas antes disso, proporcionar aprendizagens que potencializem o desenvolvimento das múltiplas capacidades humanas, tanto nas suas dimensões intelectual e profissional, quanto afetiva, ética e estética.

Dessa forma, ao se pensar uma educação que não se preocupe somente com a empregabilidade, mas com a transformação social e com o desenvolvimento de posicionamentos críticos e conscientes, a incorporação da Educação em Direitos Humanos (EDH) é de essencial importância, e o teatro, mais especificamente o Teatro do Oprimido (TO), pode ser de grande auxílio para o enfrentamento das questões postas, pois, através da linguagem teatral, o indivíduo pode trazer à tona as situações de opressão vivenciadas e buscar, coletivamente e através do diálogo, a reflexão e uma possível transformação da realidade.

A utilização de jogos e de técnicas do Teatro do Oprimido na educação de jovens e adultos, em especial no Projeja, pode auxiliar na abertura de diálogos com a realidade e com a história de vida desses estudantes, ao construir espaços de compartilhamento e debate sobre as experiências vividas, além de promover a construção de uma autoestima positiva para esses sujeitos tantas vezes invisibilizados na sociedade. Assim, no processo educacional, considerar as experiências que os estudantes trazem

em seus corpos, seus sonhos e anseios é de fundamental importância. O documento base do Proeja assinala que:

[...] a educação [...] deve compreender que os sujeitos têm história, participam de lutas sociais, têm nome e rostos, gêneros, raças, etnias e gerações diferenciadas. O que significa que a educação precisa levar em conta as pessoas e os conhecimentos que estas possuem. (BRASIL, 2005, p. 17 *apud* BRASIL, 2007, p.43).

Assim, o TO pode se constituir como importante instrumento para o desenvolvimento do pensamento crítico de tais sujeitos, o que poderá contribuir para uma formação integral e uma leitura crítica do caráter destrutivo do capitalismo. Isso é obtido a partir das próprias vivências de opressão relacionadas ao mundo do trabalho, da ampliação da consciência corporal e de uma maior autonomia e liberdade do educando, proporcionadas pelo desenvolvimento dos seus jogos e técnicas.

O TEATRO DO OPRIMIDO

O Teatro do oprimido é um método teatral desenvolvido pelo teatrólogo Augusto Boal (2006; 2009b). Para ele, a capacidade de representação, de dramatização, é uma habilidade intrínseca a todos os seres humanos. Através dela podemos compreender a vida e compreender as relações de poder que se estabelecem em nosso cotidiano. Assim, as práticas do TO almejam proporcionar aos oprimidos o exercício do pensamento sensível e simbólico³, desenvolvendo uma estética própria na busca por alternativas para lidar com as situações de opressão. Nesse processo, o foco principal não é o produto artístico, mas a reflexão a partir da estética e a busca pela transformação da realidade opressora.

Todos assumimos papéis sociais e atuamos em nosso cotidiano. Os atores realizam em cena ações que realizamos em nosso dia-a-dia, a diferença entre eles e nós é que, ao encenarem, os atores estão conscientes de estarem utilizando a linguagem teatral (BOAL, 2006). Assim, todos somos atores, pois interferimos em nossa realidade e somos também espectadores, pois observamos os outros e a nós mesmos em ação. Através dessa capacidade inerente a todos nós, de atuar e de ver a nós mesmos e os outros em ação, é possível compreender melhor as situações vivenciadas e imaginar como elas poderiam ser transformadas.

³ Para Boal (2009a), somos dotados de duas formas complementares de pensar, o pensamento simbólico, expresso pelas palavras e o pensamento sensível, expresso por imagens e sons. Ambos são empregados pelas elites dominantes para veiculação de suas ideologias com o propósito de dominação.

Em razão disso, o TO é um caminho possível para que os sujeitos saiam do papel de espectadores, passivos e submissos, compreendam o contexto em que estão inseridos e possam indagar-se acerca das injustiças e opressões que vivenciam e atuar, primeiramente em cena, como sujeitos da ação, buscando a transformação dessa realidade.

Boal (2009b) ressalta que o teatro, assim como todas as ações humanas, é um ato político. Em sua origem, a ação teatral era realizada por todo o povo como uma celebração⁴, uma festa, porém ela foi apropriada pelas classes dominantes, separando-se atores e espectadores, e passou a ser utilizada com propósitos de dominação. A proposta do TO é romper com essa divisão entre quem observa e quem faz, tornando todos espect-atores e almejando, com a linguagem cênica, atender os propósitos e necessidades dos próprios sujeitos.

No TO, o oprimido é aquele que sofre com a injustiça, a reconhece ou desconfia de sua existência, e não se conforma com ela, almejando superá-la. Assim, as técnicas desenvolvidas surgiram diante das necessidades reais de enfrentamento dos problemas vivenciados pelos sujeitos nos diversos contextos e países em que o teatrólogo atuou, permanecendo em constante desenvolvimento através da ação dos Curingas⁵ e multiplicadores do método.

Boal (2009b) estipula alguns procedimentos para os atuantes dessa linguagem teatral. Primeiramente é necessário conhecer o próprio corpo, reconhecendo suas possibilidades e limitações. Para isso, é preciso desmecanizá-lo, romper com a “alienação muscular”, nome dado pelo teatrólogo ao efeito causado pelas repetições mecanicistas realizadas no trabalho cotidiano, e que moldam e restringe nossa criatividade e liberdade. Assim, inicia-se o TO com uma série de exercícios e jogos que apresentam o objetivo de tornar os participantes cada vez mais conscientes dos seus corpos e de suas possibilidades. É essencial nesse processo que se construa um espaço de liberdade e experimentações, sem pré-julgamentos e críticas inibidoras.

Em uma segunda etapa, deve-se desenvolver a expressividade corporal, ampliando nossa capacidade de comunicação com os corpos. Em nosso cotidiano,

⁴ Boal ressalta em “Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas” (2009b) que em sua origem grega o teatro, através do “canto ditirâmico”, era uma atividade criada e destinada ao povo, no entanto, ele foi apropriado pelas classes dominantes com propósitos coercitivos, assim a Tragédia Grega visava a eliminar no indivíduo características e ações que não fossem interessantes para o sistema. No decorrer da história da humanidade, outras poéticas teatrais, desenvolvidas pela burguesia, mantiveram os propósitos de dominação, sendo empregadas até os dias atuais.

⁵ No método do TO, o Curinga é quem, compreendendo toda a metodologia, atua como facilitador estimulando, através do diálogo e da maiêutica, a participação dos atores e espectadores (espect-atores) no desenvolvimento dos jogos e exercícios, assim como ensinando o Método aos sujeitos interessados.

priorizamos a comunicação por palavras, limitando e condicionando o corpo aos movimentos repetitivos que realizamos. Assim, nesta etapa, são apresentados jogos teatrais que irão ampliar a expressividade corporal.

Num terceiro momento, a linguagem teatral propriamente dita é apreendida e apropriada pelo grupo, e por fim, o teatro é trabalhado como discurso, com a exploração de temas de acordo com as necessidades dos sujeitos envolvidos. Os participantes criarão imagens, sons e por fim palavras que tornem seus corpos emissores e receptores de mensagens (BOAL, 2009b).

Desse modo, o grupo potencializará sua capacidade de criar metáforas para sua própria realidade, ampliando as formas de representação, compreensão e análise das opressões vivenciadas. A partir do Método do TO, propomos para as oficinas o desenvolvimento de jogos e a utilização das técnicas do Teatro-imagem, assim como a criações de cenas a partir de reportagens de jornal.

Para uma breve apresentação do método, utilizaremos a metáfora da árvore do TO, desenvolvida por Augusto Boal e os Curingas do Centro do Teatro do Oprimido, do Rio de Janeiro (CTO-RIO).

Na árvore podemos ver os elementos principais do Teatro do Oprimido: adubando o solo encontram-se a **filosofia**, a **história**, a **participação** e a **política**, como fundamentos para a compreensão que a realidade não é estática, estando em permanente mudança e podendo ser alterada.

A **solidariedade** e a **ética** são as raízes que estruturam todo o método, que compreende que somente pela união dos oprimidos e pela reflexão sobre melhores formas de viver em sociedade é que podemos modificar o real. (SANTOS, 2016).

Os canais para o desenvolvimento de uma estética própria dos oprimidos são as **palavras**, **imagens** e **sons**, base para o desenvolvimento dos jogos e técnicas do TO. Os **jogos**, presente no tronco da árvore são fundamentais para o início do trabalho, pois é através deles que os participantes



Fonte: Teatro do Oprimido: Raízes e asas – uma teoria da práxis (SANTOS, 2016, p.152)

poderão desmecanizar seus corpos e pensamentos, e ampliar sua capacidade expressiva (BOAL, 2009b).

Ao longo das oficinas utilizaremos diversos jogos propostos por Boal (2006) e sistematizados no livro “Jogos para atores e não-atores”.

Os jogos e exercícios do TO são divididos em cinco categorias (BOAL, 2006), sendo elas:

I – Sentir tudo que se toca: possuem o intuito de ampliar a consciência corporal, com jogos e exercícios que mobilizem todo o corpo dos participantes. Nesta categoria também estão jogos de integração entre os participantes do grupo.

II – Escutar tudo que se ouve: almejam ampliar a escuta e os ritmos corporais de cada pessoa, assim como do ambiente.

III – Ativando os vários sentidos: têm como objetivo ampliar e desenvolver os sentidos pouco explorados em nosso dia-a-dia. Dessa forma, muitos jogos desta categoria são realizados com os olhos fechados, pois a visão, por ser um dos sentidos mais utilizados em nossa sociedade, necessita ser silenciada para que os outros sentidos floresçam.

IV – Ver tudo que se olha: são jogos e exercícios que estimulam o desenvolvimento de uma comunicação visual entre duas ou mais pessoas, explorando a polissemia das imagens, com o intuito de ampliar nosso olhar e leitura sobre os corpos, os objetos e o ambiente à nossa volta, percebendo o que nos dizem sem palavras.

V – A memória dos sentidos: esta categoria é composta por jogos e exercícios que relacionam memória, imaginação e emoção.

Utilizaremos nas oficinas os jogos das quatro primeiras categorias, que foram mais detalhadamente desenvolvidos e sistematizados por Boal. A realização dos jogos auxilia no desenvolvimento de pensamentos sensíveis, dimensão de grande importância em nossas vidas que é negligenciada frequentemente. Assim, pensamentos sensíveis são de grande relevância para uma educação que se quer integral, principalmente aquela direcionada aos jovens e adultos que precocemente tiveram que se dedicar às questões básicas para a sobrevivência, como o trabalho, e podem ter tido em suas trajetórias os sentidos embrutecidos.

Além dos jogos, no tronco e nos galhos da árvore temos as técnicas possíveis de serem utilizadas no método, elas podem ser trabalhadas separadamente ou em conjunto.

Teatro-Imagem: são técnicas que utilizam a linguagem corporal como elemento primordial da cena. Nelas, os corpos dos participantes representam imagens que correspondam à sua compreensão sobre determinado tema. Inicialmente são trabalhadas imagens estáticas que revelem ideologias e conflitos, na sequência pode-se propor jogos que partam das criações estáticas para imagens em movimento,

buscando a transformação da situação opressiva (BOAL, 2006). O teatro imagem é uma linguagem não verbal que auxilia a comunicação através dos nossos corpos.

Uma das técnicas desta categoria é a Imagem da Palavra, na qual o grupo de participantes irá expressar suas concepções, ideias e ideologias sobre uma determinada palavra ou conceito. Propomos atividades baseadas nessa técnica, porque acreditamos que elas poderão ser úteis para aprofundar o diálogo sobre os temas: direitos humanos, trabalho e desemprego, revelando as percepções e concepções dos estudantes do Proeja e abrindo espaço para problematizações e debates.

Teatro-Fórum: no teatro-Fórum uma cena de opressão é produzida pelos participantes e debatida coletivamente, com a participação dos espect-atores, entrando em palco para auxiliar na resolução da problemática apresentada.

Teatro-Invisível: são pequenas encenações que se desenvolvem sem que os espectadores saibam que é teatro, utilizando como espaço de representação qualquer lugar, como praças, metro, restaurantes, dentre outros. Possuem como objetivo dar visibilidade às problemáticas abordadas através da incitação ao debate.

Teatro-Jornal: são doze técnicas que objetivam revelar o que as notícias escondem, desmistificando a pretensa neutralidade dos meios de comunicação, assim como ampliar as situações de opressão interpessoais para um contexto macrossocial. Com a realização de improvisações teatrais partindo de notícias jornalísticas pretende-se dar voz ao que não está escrito, explicitando conteúdo oculto (SANTOS, 2016).

Propomos, nas oficinas, a criação de cenas a partir de reportagens e dos textos trabalhados, com o propósito de ampliar a visão e contextualizar as relações de opressão vivenciadas pelos participantes, contudo não conseguiremos nos aprofundar nas técnicas do teatro-jornal.

Arco-íris do Desejo: são técnicas introspectivas para trabalhar as opressões internalizadas, que apesar de serem mais subjetivas podem possuir relação com os valores e o contexto social no qual os indivíduos se inserem.

Teatro-Legislativo: é um desdobramento do teatro-Fórum. A peça é apresentada na presença de profissionais do direito e especialistas nas temáticas abordadas. Após a apresentação e o debate, os participantes elaboram propostas de projetos de lei que são analisadas pelos especialistas e votadas por todos os presentes. Tais propostas podem ser encaminhadas à câmara legislativa e convertidas oficialmente em projetos de lei.

Ações sociais concretas e continuadas: constitui-se no objetivo máximo do método, pois Boal compreende que não é somente pelo teatro que as transformações sociais ocorrem, tampouco por eventos isolados, sendo necessário a implementação de ações concretas que sejam permanentes.

Como último elemento da árvore, vemos acima das copas **os pássaros**, que representam os Curingas e multiplicadores do método. São pessoas que compreendendo o método, dedicam-se à multiplicação criativa, aberta a possibilidades de experimentações na luta pela liberdade e emancipação dos seres humanos. Nesta proposta de oficinas o educador também desempenha o papel de Curinga.

Nas oficinas a seguir, abordamos inicialmente jogos e exercícios que têm como propósito a ampliação da consciência e expressão corporal, possibilitando novas vivências no ambiente escolar e maior liberdade e autonomia aos participantes. A forma como nos movimentamos, as tensões e enrijecimentos causados pelas repetições do dia a dia, tanto na escola, quanto no trabalho, revelam os papéis sociais que ocupamos e a forma que estamos inseridos na sociedade (BOAL, 2009b). Na sequência iremos explorar algumas técnicas da estética e do Teatro do Oprimido, propondo atividades e jogos que auxiliem na reflexão sobre as opressões relacionadas ao universo de trabalho e a discussão sobre de que forma estas impactam os estudantes.

A corporeidade e os saberes sensíveis não podem ser desconsiderados em nenhuma modalidade de ensino. No entanto, acreditamos que no Proeja esses elementos devem ser especialmente considerados, pois os estudantes, jovens e adultos que tiveram suprimidos o direito à educação e muitas vezes o próprio direito de viver plenamente a infância e a juventude, prematuramente obrigados a ocupar-se das dimensões práticas da vida, da luta para garantir a sobrevivência, podem ter tido seus sentidos “embrutecidos” em tal processo. Acreditamos também que a Educação em Direitos Humanos não pode se realizar sem que sejam consideradas dimensões sensíveis, que vão além do intelecto e da racionalidade.

Destacamos que na pesquisa realizada, 68,2% dos participantes indicaram que jogos e atividades práticas mostram-se atrativas no Proeja. Assim, mesmo considerando que os estudantes do Proeja são em sua maioria trabalhadores, possuindo uma dupla ou tripla jornada, atividades dinâmicas que envolvem saberes sensíveis e ações corporais são vistas como atrativas por parcela significativa dos discentes.

A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

Utilizamos como referência conceitual para Educação em Direitos Humanos as propostas elaboradas por Candau *et al.* (1995; 2000; 2014), com o intuito de aliá-las aos jogos do TO.

As autoras (CANDAU *et al.*, 2014) propõem como estratégia metodológica para a EDH a oficina pedagógica, na qual há uma sensibilização e análise coletiva da

realidade, a partir da troca de experiências, um aprofundamento sobre os temas tratados, através de textos, vídeos, músicas e vivências concretas, possibilitando a construção de um saber coletivo e por último, a assunção de compromissos possíveis na luta pelos direitos humanos. Dessa forma, as oficinas pedagógicas constituem-se como espaços que trabalham com a dimensão intelectual e sensível, visando a promover reflexões e compromissos possíveis na defesa da dignidade humana.

São princípios elencados por Candau *et. al.* (1995; 2000; 2014) para a EDH:



Fonte: Adaptado da Oficinas Pedagógicas de Direitos Humanos (CANDAU *et al.* 1995, p.108)

Primeiramente, a luta pelos direitos humanos se dá no dia-a-dia, necessitando do comprometimento traduzido em atitudes e práticas solidárias e participativas que afetam a cada um de nós e cada grupo social. Em segundo lugar, é importante a clareza de que os direitos humanos são conquistas históricas, fruto das lutas dos grupos sociais que vivenciam a violações de sua dignidade. No entanto, as proclamações de direitos, como a DUDH, não garantem sua efetivação, sendo necessários processos permanentes de luta e reivindicação da dignidade dos homens e mulheres nos diversos âmbitos da vida.

As percepções dos direitos também não são estáticas, sendo condicionadas pelas experiências concretas e pelo lugar social ocupado por cada indivíduo. Assim, num país de imensas desigualdades como o Brasil, a luta pelos Direitos Humanos para muitos cidadãos se resume à própria luta pela sobrevivência e pela manutenção das condições materiais de vida, com um emprego que garanta o sustento de sua família e a satisfação das necessidades básicas. Dessa forma, os DH perpassam condições

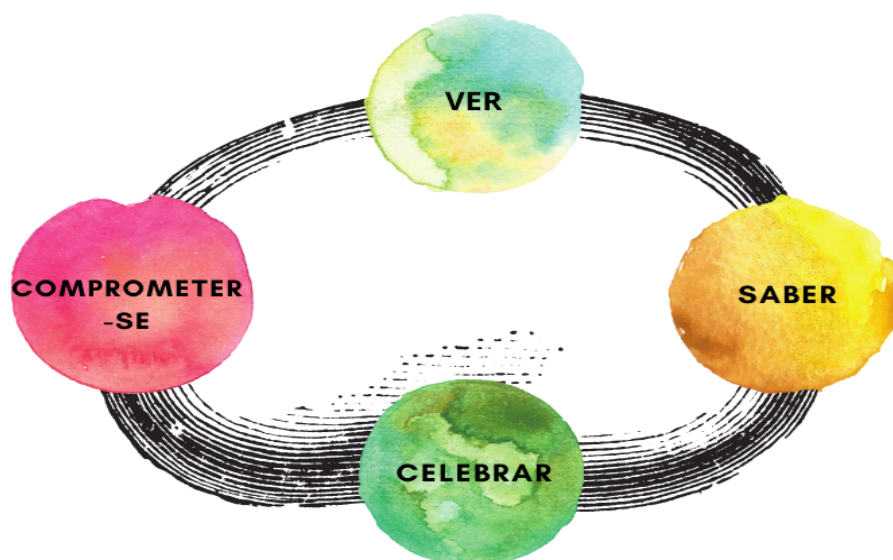
concretas de nossa existência como raça, gênero, classe social, dentre outras. Em nossa sociedade, marcada pela machismo e racismo, a população feminina e negra acaba sendo vítima com maior frequência e intensidade da privação de direitos, e esse é o perfil majoritário do Proeja, assim como dos respondentes da pesquisa realizada.

Muitos sujeitos lutam em seu dia-a-dia pela dignidade humana, alguns são sujeitos que sofrem de forma direta as consequências das violações dos DH, outros colocam-se como parceiros de luta, se solidarizam com a causa, pois sabem que a construção de uma sociedade mais justa e igualitária é dever de todos nós.

Além disso, o compromisso com a promoção dos direitos humanos exige a superação de perspectivas individualistas, sendo necessário afirmar um posicionamento solidário que afete e transforme nossa relação com os outros, com a natureza à nossa volta e conosco.

Para educar em direitos humanos no contexto escolar, principalmente na Educação de Jovens e Adultos, é necessário que a escola conheça e dialogue com o contexto social em que está inserida, conhecendo seus estudantes e as violações de direitos que sofrem, deslocando o foco exclusivo dos conteúdos a serem ensinados e considerando os sujeitos que lá se encontram com suas necessidades e anseios. Constroem-se, dessa forma, práticas pautadas pelo diálogo e pela participação, num processo de apropriação pessoal e coletiva do conhecimento e da realidade.

Desenvolveremos nas oficinas quatro dimensões interconectadas e fundamentais elencadas por Candau *et al.* (2014, p. 139-140), são elas: **VER**, **SABER**, **CELEBRAR** e **COMPROMETER-SE**.



A primeira dimensão, **VER**, refere-se ao reconhecimento dos conhecimentos e vivências dos participantes e a sensibilização para as questões propostas. Essa dimensão será trabalhada ao longo da primeira, segunda e terceira oficinas, articulada com a Estética do Oprimido e com os jogos do TO. Nessas oficinas, os participantes,

partindo de suas vivências, irão ampliar o debate e sensibilização para as questões através da análise de músicas e poemas e da criação de cenas a partir de reportagens.

Em conexão com o ver está a dimensão do **SABER**, que se refere à instrumentalização e ao compartilhamento de um novo conhecimento, tanto do conhecimento teórico sobre os direitos humanos quanto daquele que surge das práticas cotidianas. Essa dimensão também será abordada ao longo das oficinas, especialmente com a parte teórica da segunda proposta, na qual serão apresentados e aprofundados os conhecimentos sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos, por meio da análise dos artigos que se referem ao direito à educação e ao trabalho. Tais conhecimentos devem ser abordados em constante diálogo com os saberes dos estudantes-trabalhadores, considerando-se suas vivências e as dificuldades que enfrentam.

A terceira dimensão, o **CELEBRAR**, estará presente em todas as oficinas através dos jogos e de atividades que promovem o desenvolvimento de dimensões afetivas, provocando o prazer, a alegria e a integração dos participantes, elementos fundamentais para o Teatro do Oprimido e para EDH.

Por fim, a quarta dimensão, que se refere a **COMPROMETER-SE**, diz respeito à apropriação dos novos conhecimentos e a análise das possibilidades de transformar a realidade, assumindo os compromissos possíveis nessa luta. Nesta proposta, ela está relacionada ao desenvolvimento dos jogos e técnicas do teatro-imagem, nos quais os participantes irão propor alternativas para solucionar uma situação de opressão apresentada.

A organização dos jogos e exercícios nas oficinas é apresentada com um grau crescente de complexidade na sua execução. Desse modo, os primeiros jogos são mais simples e auxiliarão os participantes na expressividade corporal necessária para as etapas seguintes.

É fundamental a preparação prévia do ambiente, tanto o espaço físico, quanto da atmosfera criada para a oficina, que deve ser acolhedora e inspirar confiança, para que os participantes se sintam seguros. Assim, se possível, é importante que as atividades ocorram em um lugar com pouco fluxo de pessoas, no qual os participantes possam se expressar livremente e que o educador tenha uma escuta ativa para acolher todas as sugestões dos participantes, eliminando as noções de certo e errado.

Os jogos do TO são de simples compreensão, no entanto, é essencial que o educador/curinga tenha consciência que o método fundamenta-se na ética e na solidariedade e tem o propósito de combater situações de opressão⁶.

Para facilitar a compreensão e aplicação dos jogos, organizamos sua apresentação em:

TÍTULO DO JOGO	
Categoria_	Duração aproximada
OBJETIVO	
FOCO	
DESCRIÇÃO:	

O objetivo define o principal resultado que almejamos alcançar em cada jogo. Os jogos apresentados possuem variadas aplicações e podem ser adaptados de acordo com o público-alvo. O educador poderá avaliar se a aplicação proposta se mostra adequada a realidade vivenciada e, se necessário, realizar as modificações necessárias. A duração prevista é apenas um indicativo aproximado, podendo ser maior ou menor, dependendo do tamanho da turma e do desenvolvimento do jogo. Para estas oficinas estimamos um tempo aproximado para uma turma de 20 participantes. O foco refere-se ao direcionamento da ação que deve ser realizada pelos participantes. Já a descrição é a própria organização e desenvolvimento do jogo, ressaltando como o educador deve organizá-lo, como posicionar os participantes, como iniciar e quando finalizar cada atividade⁷.

A maioria dos jogos e exercícios apresentados estão descritos no livro “Jogos para atores e não atores”, de Augusto Boal (2006). Nele, o educador interessado poderá encontrar centenas de jogos e técnicas do TO. Todas as propostas partem também de minhas vivências com o Teatro do Oprimido.

⁶ O Centro do Teatro do Oprimido, do Rio de Janeiro, CTO/RIO, oferta regularmente oficinas e cursos de introdução e aprofundamento à metodologia do TO.

⁷ Esta organização dos jogos foi inspirada na organização proposta por Viola Spolin em “Jogos teatrais na sala de aula” (2008).

TEATRO DO OPRIMIDO E DIREITOS HUMANOS NO UNIVERSO DO TRABALHO
OFICINAS PEDAGÓGICAS PARA O PROEJA

OFICINA 1

JOGOS SENSORIAIS E DE DESMECANIZAÇÃO CORPORAL



OFICINA 1 – JOGOS SENSORIAIS E DE DESMECANIZAÇÃO

1. ESTRUTURA DA OFICINA

Nesta primeira oficina, propomos o desenvolvimento de jogos sensoriais, de integração e de desmecanização. Tais atividades promovem a reflexão nos participantes em relação a eles mesmos e em relação aos outros, ampliando a consciência de seus corpos e a percepção das tensões e limitações que as repetições do dia-a-dia, realizadas num sistema opressor e alienante, com jornadas excessivas de trabalho, lhes impõe. Perceber as possibilidades de seus corpos, executando movimentos com os quais não estão acostumados, os auxiliará a ampliar sua capacidade de expressão.

Iniciaremos a discussão proposta para as oficinas com a diferenciação entre trabalho e emprego, partindo da fruição e da análise da composição de Renato Russo intitulada “Música de Trabalho”, na sequência desenvolveremos jogos do TO.

O excesso de horas trabalhadas e as cobranças por parte do empregador podem acarretar cansaço excessivo, exaustão e sedentarismo. Nesse sentido, os jogos propostos, ao proporcionar a conscientização sobre os corpos, o estímulo ao desenvolvimento sensorial e a integração entre os participantes, num ambiente lúdico, prazeroso e descontraído, pode amenizar tais sintomas.

2. RECURSOS:

- Aparelho de som ou audiovisual;
- Letra da composição “Música de trabalho”;
- Caneta;
- Quadro negro ou cartolina.



APRESENTAÇÃO _15 min

Cada participante se apresentará dizendo seu nome, o que o motivou a escolher o curso técnico do Proeja e sua atuação profissional, se houver.

Em seguida, o Educador deverá ressaltar a importância dos jogos e seu papel na desmecanização e sensibilização dos corpos, discutindo com os estudantes como nossos afazeres diários, inclusive os laborais, acabam por mecanizar nossos movimentos.

Deve-se ressaltar que a oficina tem como proposta trabalhar com as situações de opressão vivenciadas pelos estudantes no universo do trabalho.

Na sequência, o educador deverá apresentar os objetivos deste primeiro encontro.

3. OBJETIVOS:

- Discutir sobre os conceitos de trabalho e emprego;
- Realizar jogos de integração, sensibilização e desalienação corporal.

DIFERENÇA ENTRE TRABALHO E EMPREGO

Música em análise _35 min



Nesta atividade, discutiremos brevemente a diferença entre trabalho e emprego.

O educador irá apresentar o clipe da composição “**Música de Trabalho**”, da banda Legião Urbana. Se não for possível projetar o clipe, o educador poderá utilizar o celular e um aparelho de som para os participantes ouvirem a música. Após escutarem a canção uma primeira vez, cada participante deverá receber uma cópia da letra, que está disponível para impressão na próxima página, ou o educador deverá projetá-la de modo que todos possam lê-la.



Música de Trabalho – Legião Urbana⁸

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wfuqOyp1blo>. Acessado em: 11 mar. 2021.

MÚSICA DE TRABALHO
Renato Russo
Composição: Legião Urbana

Sem trabalho eu não sou nada
Não tenho dignidade
Não sinto o meu valor
Não tenho identidade
Mas o que eu tenho
É só um emprego
E um salário miserável
Eu tenho o meu ofício
Que me cansa de verdade
Tem gente que não tem nada
E outros que tem mais do que precisam
Tem gente que não quer saber de trabalhar

Mas quando chega o fim do dia
Eu só penso em descansar
E voltar pra casa pros teus braços
Quem sabe esquecer um pouco
De todo o meu cansaço
Nossa vida não é boa
E nem podemos reclamar

Sei que existe injustiça
Eu sei o que acontece
Tenho medo da polícia
Eu sei o que acontece
Se você não segue as ordens
Se você não obedece
E não suporta o sofrimento
Está destinado a miséria
Mas isso eu não aceito

Eu sei o que acontece
Mas isso eu não aceito
Eu sei o que acontece
E quando chega o fim do dia
Eu só penso em descansar
E voltar pra casa pros teus braços
Quem sabe esquecer um pouco
Do pouco que não temos
Quem sabe esquecer um pouco
De tudo que não sabemos





Após esse primeiro momento, os estudantes serão convidados a refletirem sobre os conceitos de trabalho e emprego.

O educador deverá dividir a lousa ou uma cartolina em duas partes.

Em uma escreverá a palavra “trabalho” e na outra a palavra “emprego”, e convidará os participantes a refletirem sobre os dois conceitos, anotando o significado de uma e de outra, registrando as características de cada uma delas, suas semelhanças e diferenças.

O educador deverá ressaltar que o trabalho é um conceito mais abrangente do que o emprego, e constitui-se como elemento primordial para a vida e o desenvolvimento humano, apresentando o trabalho em seu sentido ontológico, como ação transformadora dos seres humanos, realizada na natureza e na sociedade em que vive; e o emprego, forma histórica como o trabalho se apresenta em nossa sociedade capitalista.

O educador pode estimular a reflexão sobre os trabalhos que não são remunerados, como o trabalho doméstico e a criação dos filhos, os quais normalmente ficam a cargo das mulheres, resultando em dupla ou tripla jornada de trabalho.

Deverá também solicitar aos participantes que ressaltem as características do emprego em nossa sociedade, com suas diversas modalidades. É possível, também, discutir sobre o trabalho formal, com carteira assinada, e que assegura ao trabalhador proteções previstas em lei, o trabalho informal, o trabalho intermitente, dentre outros.

É importante que esse momento de discussão se realize a partir do diálogo com os estudantes-trabalhadores, considerando suas experiências profissionais e de vida.

Após este diálogo, deve-se retornar à música e promover um debate a partir das questões a seguir:



- 1- Há relação entre a música da banda Legião Urbana e nossa vida cotidiana?
- 2- Por que o autor afirma que sem trabalho não é nada?
- 3- Qual o papel do trabalho em nossa sociedade e em nossas vidas?
- 4- Qual a reflexão proposta pelo compositor ao afirmar que possui somente emprego?
- 5- E quais as dificuldades que o trabalhador enfrenta para superação da sua realidade opressiva?
- 6- A quem beneficia esquecer o que não temos e tudo que não sabemos?

As contribuições dos estudantes podem ser anotadas na lousa ou cartolina.

4. DESENVOLVIMENTO DOS JOGOS:

Após a análise da música, o educador convidará os estudantes para a parte prática da oficina.

O espaço para realização dos jogos deve ser devidamente preparado, liberando-o de objetos que possam causar acidentes. Pode-se utilizar uma sala de aula, com as carteiras e cadeiras afastadas, ou ainda a quadra de esporte ou o pátio da instituição, se houver. Foram selecionados jogos que levam em consideração as diferenças etárias dos participantes e suas possíveis limitações físicas, no entanto o educador deve solicitar que cada integrante realize os jogos e movimentos respeitando seus limites corporais.

A SEQUÊNCIA PROPOSTA É APENAS UMA SUGESTÃO, PODENDO SER REORGANIZADA DE ACORDO COM AS NECESSIDADES E PERCEPÇÕES DO EDUCADOR.

- Cruz e o círculo;
- Batismo Mineiro;
- Caminhadas/ Os contrários de Jackson/Cinco ações;
- Floresta de sons.

A seguir apresentamos os jogos detalhadamente.

CRUZ E CÍRCULO

1ª Categoria_5 min

Este é um exercício simples que auxilia na percepção das mecanizações físicas que possuímos devido às repetições do cotidiano.

Objetivo: Auxiliar na desmecanização dos corpos, ampliando a consciência corporal dos participantes.

Foco: Na realização, simultânea, de ações variadas utilizando as mãos e/ou os pés.

DESCRIÇÃO: O educador deverá solicitar que os participantes formem um círculo. Ele deve pedir que os participantes desenhem um círculo no ar com a mão direita, depois que desenhem uma cruz com a mão esquerda; provavelmente os participantes não apresentarão dificuldades nessa execução. Em seguida, deve-se solicitar que realizem ambos os movimentos ao mesmo tempo. Neste momento é possível que apresentem maior dificuldade.

Na sequência, solicitará que se realize um círculo com o pé direito e após um minuto que escrevam o nome no ar com a mão direita, simultaneamente.

BATISMO MINEIRO

2ª Categoria: Integração_30 min

Objetivo: Apresentação do grupo. Este exercício auxilia os participantes a assumirem sua identidade e as qualidades que possuem perante o grupo.

Foco: Em observar e reproduzir os sons e gestos produzidos pelos colegas; em se apresentar com um gesto e ritmo próprio para o seu nome.

DESCRIÇÃO: Ainda em círculo, cada participante irá ao centro da roda e dirá seu nome, depois deverá repetir o nome de forma ritmada e com um gesto que o caracterize, acrescentando uma qualidade que possui iniciada com a primeira letra de seu nome (Por exemplo, se o participante se chama Ricardo ele deverá acrescentar um adjetivo que ajude a caracterizá-lo iniciado com R, tais como: rítmico, rico, realizado, radical, etc.).

É importante se atentar para a melodia e o ritmo na apresentação do nome e do adjetivo. No círculo, os demais participantes repetem o nome, o adjetivo e o gesto realizado. O participante que iniciou o jogo retorna ao seu lugar no círculo e o próximo, imediatamente à sua esquerda ou direita, ocupa o lugar ao centro realizando a mesma atividade.



Após todos se apresentarem o primeiro participante é chamado novamente, mas desta vez deve permanecer em posição neutra, enquanto o restante do grupo relembra (repetindo) seu nome, adjetivo e movimento. O jogo termina quando todos tiverem retornado ao centro do círculo.

CAMINHADAS OS CONTRÁRIOS DE JACKSON CINCO AÇÕES

1ª Categoria_30 min

Objetivo: Auxiliar na desmecanização dos corpos, ampliando a consciência corporal dos participantes.

Foco: Na realização dos comandos propostos pelo educador e na estrutura corporal mobilizada nas ações.

DESCRIÇÃO: Os participantes deverão caminhar pelo espaço normalmente, num ritmo tranquilo, evitando andar em círculos. O educador deve solicitar aos participantes que percebam seus corpos. Quais músculos são mobilizados na caminhada? Como os braços se movem? Quais partes dos pés são acionadas como apoios? Como está a respiração e os batimentos cardíacos? Assim, o educador deve solicitar que os participantes tomem consciência dos seus corpos e do espaço ao seu redor.

Ao sinal do educador, os participantes deverão formar figuras geométricas no espaço. Assim, ele solicitará que formem um círculo, após a formação da figura os participantes devem voltar a caminhar pela sala. Agora será solicitado que formem um quadrado, e novamente voltem a caminhar. Depois um triângulo, e quais figuras mais o educador desejar.

Após poucos minutos, o educador dará alguns comandos que deverão ser seguidos pelos participantes, como: anda/para, salta/agacha, sussurra seu nome/grita (sempre em pares opostos). Na sequência, o educador deverá solicitar que os participantes realizem o oposto do comando de voz solicitado. Assim, ao dizer “anda”, os participantes devem parar; ao dizer “salta”, devem agachar; ao dizer “sussurra”, devem gritar; e assim por diante. Os participantes devem realizar os comandos respeitando seus limites físicos.



Após a exploração de alguns pares de comandos opostos, o educador solicitará que todos parem no local onde estão e que um voluntário realize uma ação laboral que executa em seu dia-a-dia. A ação poderá incluir som; todos devem observar. Após a realização da ação, ele solicitará que o participante a amplie, envolvendo o corpo todo na execução. A ação perderá seu caráter realista. Todos devem olhar a ação e reproduzi-la, esta será ação 1.

Os participantes devem voltar a caminhar pela sala. Agora, sempre que o educador disser “um”, todos reproduzem a ação criada, retornando a caminhada em seguida. Ao sinal do educador, todos devem parar novamente em seus lugares, repetirão a ação 1, e um novo voluntário criará uma segunda ação que executa em seu dia-a-dia de trabalho. Se o estudante não possuir experiência de emprego ele poderá realizar uma ação de um trabalho doméstico ou qualquer outro que execute cotidianamente, no entanto, a ação deve ser realizada de forma amplificada. O educador poderá solicitar que o participante exagere na ação, se ele estiver reproduzindo-a de forma cotidiana. Essa será a ação 2. Deve-se evitar ações semelhantes à já criada.

Todos voltam a caminhar. Quando o educador disser “dois”, todos reproduzem a ação 2. Assim se sucederá até termos cinco ações. O educador deverá solicitar que todos continuem andando pela sala, evitando andar em círculo. Ele solicitará que realizem as cinco ações sequencialmente,



primeiramente em ordem crescente, depois em sequências aleatórias, como 2, 4, 1, criando pequenas partituras de ações entre um caminhar e outro.

Ao final do exercício, pode-se conversar sobre as ações que surgiram e a relação delas com a discussão já desenvolvida.

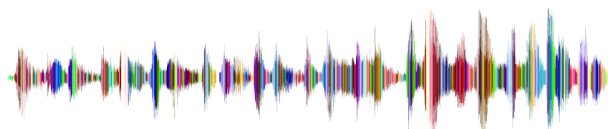
Variação: O educador poderá organizar os participantes em grupos menores e, a partir das cinco ações laborais criadas, cada grupo criará uma pequena coreografia coletiva para apresentação, utilizando todas as ações ou somente algumas delas.

FLORESTA DE SONS

3ª Categoria_20 min

Objetivo: Estimular os sentidos do olfato, do tato e principalmente da audição.

Foco: Em seguir o som emitido por sua dupla, deslocando-se lentamente pela sala.



DESCRIÇÃO: O educador solicitará que os participantes se organizem em duplas.

Um sujeito da dupla será o cego (que deverá realizar o exercício com os olhos fechados) e o outro será o guia.

O guia deverá emitir um som no ouvido do que experimenta o papel de cego. O som pode refletir sons naturais, como de um animal, de uma cachoeira, do vento, ou outro qualquer que o participante desejar. No entanto, deve ser um som audível e que se consiga reproduzir. O guia emitirá o som por duas vezes no ouvido do colega.

Após isso, ele deverá locomover-se pelo espaço, a princípio lentamente, emitindo o som criado. O parceiro que realiza o papel de cego deverá apoiar as mãos nos cotovelos e mantê-las à frente do peito de forma a se proteger durante

o deslocamento e mover-se pelo espaço seguindo o som de seu guia de forma a manter-se próximo a este, sempre de olhos fechados.

De tempos em tempos o guia deverá parar de emitir o som. Nesses momentos o cego também deverá parar de se locomover.

O guia é responsável pelo seu companheiro, devendo ficar atento aos obstáculos e aos demais participantes, para que não haja trombadas. Sempre que o “cego” estiver próximo a outro colega ou a um obstáculo o guia deverá parar de emitir o som. Ele deve também mudar constantemente de posição, de forma a desafiar o parceiro. Se o cego estiver conseguindo seguir com facilidade, o guia pode distanciar-se mais e emitir o som de forma suave.



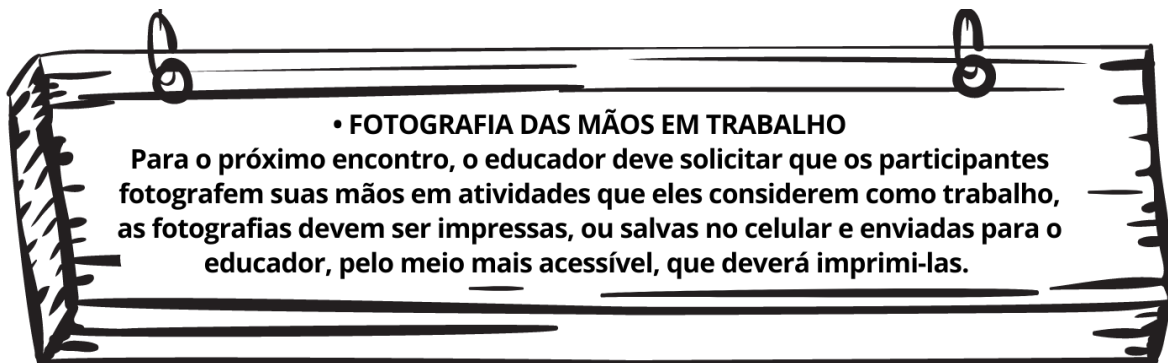
O ambiente se tornará muito sonoro, pois serão muitos guias deslocando-se. Por essa razão, o cego deverá aguçar sua audição e concentrar-se somente no som emitido por seu guia.

Após alguns minutos, o educador solicitará que todos parem onde estão e abram os olhos. Sem que haja muita conversa sobre a experiência, os participantes deverão alternar as funções, assim o guia assumirá o papel do cego e vice-versa.

Depois de todos terem experimentado os papéis de guia e de cego, forma-se um círculo e os participantes poderão compartilhar como foi a experiência de guiar e ser guiado.

5. FINALIZAÇÃO DA OFICINA_15min

Ainda em círculo os participantes poderão destacar o que mais gostaram no encontro, o que não gostaram, assim como as dificuldades encontradas.



TEATRO DO OPRIMIDO E DIREITOS HUMANOS NO UNIVERSO DO TRABALHO
OFICINAS PEDAGÓGICAS PARA O PROEJA

OFICINA 2

A DIGNIDADE DO TRABALHADOR



OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO

Poema em análise _30min



“Operário em construção”⁹
(Vinicius de Moraes)

DESCRIÇÃO: O educador deverá apresentar aos estudantes o vídeo com a leitura musicada de trechos do poema “Operário em construção”, de Vinicius de Moraes.

Após assistirem ao vídeo, cada participante deverá receber uma cópia do poema, que pode ser impressa diretamente das próximas páginas, ou o educador deverá projetá-la, para uma leitura coletiva. Sugere-se que voluntários se revezem na leitura das estrofes do poema.

Após a leitura, o educador deverá contextualizar o período de composição da obra, realizada em 1959, momento de grande politização das classes trabalhadoras e intensa industrialização dos centros urbanos, principalmente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

Em seguida, propõe-se um diálogo solicitando que os participantes apontem trechos que revelem a situação de vida do operário e a forma como sua consciência política se desenvolve.

O educador poderá ir anotando na lousa as contribuições dos participantes.

No diálogo é importante ressaltar como Vinicius de Moraes descreve que ao construir as condições materiais de vida em sociedade o trabalhador também se forma, adquirindo consciência da importância do seu trabalho e da exploração a que está submetido. O educador deverá convidar os participantes a refletirem como este poema pode estar relacionado com as atividades laborais e condições de trabalho que vivenciam.

⁹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wQsQcwmgokM&feature=emb_title. Acessado em: 11 abr. 2021.





OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO

Vinicius de Moraes

Era ele que erguia casas
Onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas
Ele subia com as casas
Que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia, por exemplo
Que a casa de um homem é
um templo
Um templo sem religião
Como tampouco sabia
Que a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.

De fato, como podia
Um operário em construção
Compreender por que um
tijolo
Valia mais do que um pão?
Tijolos ele empilhava
Com pá, cimento e esquadria
Quanto ao pão, ele o comia...
Mas fosse comer tijolo!
E assim o operário ia
Com suor e com cimento
Erguendo uma casa aqui
Adiante um apartamento
Além uma igreja, à frente
Um quartel e uma prisão:
Prisão de que sofreria
Não fosse, eventualmente
Um operário em construção.

Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
- Garrafa, prato, facão -
Era ele quem os fazia
Ele, um humilde operário,
Um operário em construção.
Olhou em torno: gamela
Banco, enxerga, caldeirão
Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era ele quem o fazia
Ele, um humilde operário
Um operário que sabia
Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento
Não sabereis nunca o quanto
Aquele humilde operário
Soube naquele momento!
Naquela casa vazia
Que ele mesmo levantara
Um mundo novo nascia
De que sequer suspeitava.
O operário emocionado
Olhou sua própria mão
Sua rude mão de operário
De operário em construção
E olhando bem para ela
Teve um segundo a impressão
De que não havia no mundo
Coisa que fosse mais bela.

Foi dentro da compreensão
Desse instante solitário
Que, tal sua construção
Cresceu também o operário.
Cresceu em alto e profundo
Em largo e no coração
E como tudo que cresce
Ele não cresceu em vão
Pois além do que sabia
- Exercer a profissão -
O operário adquiriu
Uma nova dimensão:
A dimensão da poesia.

E um fato novo se viu
Que a todos admirava:
O que o operário dizia
Outro operário escutava.

E foi assim que o operário
Do edifício em construção
Que sempre dizia sim
Começou a dizer não.
E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:

Notou que sua marmita
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte
Era o terno do patrão
Que o casebre onde morava
Era a mansão do patrão
Que seus dois pés
andarilhos
Eram as rodas do patrão
Que a dureza do seu dia
Era a noite do patrão
Que sua imensa fadiga
Era amiga do patrão.

E o operário disse: Não!
E o operário fez-se forte
Na sua resolução.

Como era de
As bocas da
Começaram a
Aos ouvidos do patrão.
Mas o patrão não queria
Nenhuma preocupação
- "Convençam-no" do
contrário
Disse ele sobre o operário
E ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário
Ao sair da construção
Viu-se súbito cercado
Dos homens da delação
E sofreu, por destinado
Sua primeira agressão.
Teve seu rosto cuspidos
Teve seu braço quebrado
Mas quando foi perguntado
O operário disse: Não!

Em vão sofrera o operário
Sua primeira agressão
Muitas outras se seguiram
Muitas outras seguirão.
Porém, por imprescindível
Ao edifício em construção
Seu trabalho prosseguia
E todo o seu sofrimento
Misturava-se ao cimento
Da construção que crescia.

Sentindo que a violência
Não dobraria o operário
Um dia tentou o patrão

Mostrou-me toda a região
E apontando-a ao operário
Fez-lhe esta declaração:
dar-te-ei todo esse poder
E a sua satisfação
Porque a mim me foi entregue
E dou-o a quem bem quiser.
Dou-te tempo de lazer
Dou-te tempo de mulher.
Portanto, tudo o que vês
Será teu se me adorares
E, ainda mais, se abandonares
O que te faz dizer não.

Disse, e fitou o operário
Que olhava e que refletia
Mas o que via o operário
O patrão nunca veria.
O operário via as casas
E dentro das estruturas
Via coisas, objetos
Produtos, manufaturas.
Via tudo o que fazia
O lucro do seu patrão
E em cada coisa que via
Misteriosamente havia
A marca de sua mão.
E o operário disse: Não!

- Loucura! - gritou o patrão
o que te dou eu?
! - disse o operário
es dar-me o que é meu.

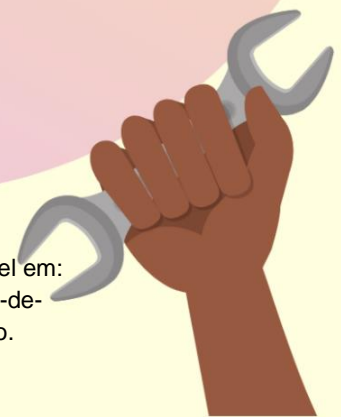
E um grande silêncio fez-se
Dentro do seu coração
Um silêncio de martírios
Um silêncio de prisão.
Um silêncio povoado
De pedidos de perdão
Um silêncio apavorado
Com o medo em solidão.

Um silêncio de torturas
E gritos de maldição
Um silêncio de fraturas
A se arrastarem no chão.
E o operário ouviu a voz
De todos os seus irmãos
Os seus irmãos que morreram
Por outros que viverão.
Uma esperança sincera
Cresceu no seu coração
E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e
esquecido
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção.

Objetivo: Analisar as fotografias e promover uma discussão sobre a valorização do trabalhador, considerando as experiências dos estudantes.



Poesia O OPERÁRIO EM
CONSTRUÇÃO (1959). Disponível em:
<https://www.letras.com.br/vinicius-de-moraes/o-operario-em-construcao>.
Acessado em: 10 fev. 2021.



FOTOGRAFIAS DAS MÃOS EM TRABALHO

Adaptado: Estética do Oprimido_40min

Na

Foco: Em analisar as fotografias e "traduzir" a discussão em um texto poético.

impossibilidade de imprimir as fotografias, pode-se suprimir esta atividade, ampliando o tempo da prática seguinte.

DESCRIÇÃO: O educador deverá organizar um mural com as fotografias selecionadas pelos estudantes (sem identificar os autores), poderá também dispor as fotografias no chão, o importante é possibilitar que todas estejam visíveis. Os estudantes serão convidados a observarem as fotografias e registrarem suas impressões, partindo das perguntas apresentadas no quadro ao lado.

A partir das imagens poderemos ampliar a discussão sobre trabalho iniciada na oficina anterior.

Após um período de observação e conversa, cada participante deverá escolher uma imagem, não sendo a sua própria.

O educador solicitará que os participantes formem grupos com no máximo cinco participantes. Cada grupo deverá discutir as questões acima, referentes às imagens que escolheram. Após um breve debate, o grupo deverá redigir um pequeno texto, registrando suas impressões sobre as imagens selecionadas. O texto pode ter poucas linhas, ele não será avaliado, nem julgado.

As fotografias agrupadas deverão ser colocadas novamente no mural, ou no chão da sala, ao lado do texto composto pelo grupo.

- O que é possível ver nas imagens?
- De quem são estas mãos?
- Quais as funções que desempenham?
- O que elas revelam? E o que ocultam?
- O que dizem sobre o trabalho que executamos diariamente?
- Todo o trabalho apresentado é remunerado?
- Como o trabalho executado por estas mãos ajuda na construção da sociedade?
- Analisando as imagens, o que podemos dizer sobre as condições dos trabalhos realizados?

QUEM SOU EU? QUAL O MEU MAIOR SONHO? O QUE ME IMPEDE?

Adaptado: Estética do Oprimido_ 20 min

DESCRIÇÃO: Após a composição dos textos inspirados nas fotografias das mãos em trabalho, cada participante irá responder de forma sucinta, com apenas uma frase para cada resposta, estas três perguntas:



Quem sou eu?

Qual o meu maior sonho?

O que me impede?

Não é necessário se identificar, o texto deverá ser colocado ao lado de sua fotografia.

Novamente o educador convidará todos os participantes a analisarem as imagens com os textos produzidos. As perguntas ao lado podem nortear o debate.

Se atividade anterior não tiver sido realizada, o educador poderá solicitar que os participantes escolham um dos textos (não sendo o seu próprio) e o *traduza* em uma imagem, utilizando os materiais disponíveis, como lápis de cor, tinta guache, revistas para colagem, etc. Nesta criação, não se deve utilizar elementos figurativos, o educador deverá solicitar que os participantes explorem as cores, formas e textura dos materiais para recriar a declaração do colega. Após as criações, o grupo poderá apresentar as imagens ao lado dos textos e realizar uma discussão coletiva sobre a atividade.

Como cada participante se define?
Quais são seus sonhos?
E quais os sonhos do grupo? São semelhantes?
O texto modificou a leitura das imagens?

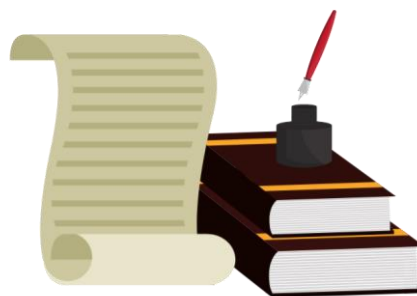
Ao final da discussão poderá ser organizado um livro com o trabalho produzido, ou preparada uma exposição dentro da própria sala de trabalho ou em outro local mais adequado da escola. Se os participantes desejarem as fotografias poderão ser identificadas.

INSTRUMENTALIZAÇÃO SOBRE DIREITOS HUMANOS RELATIVOS AO TRABALHO _30min

COMO OS DIREITOS HUMANOS PODEM CONTRIBUIR PARA O EXERCÍCIO DE UM TRABALHO DIGNO?

O educador deverá iniciar este momento da oficina solicitando que os participantes respondam oralmente às questões:

- 1. O que você entende por trabalho digno?**
- 2. Há relação entre direitos humanos e trabalho?**



Após um breve bate-papo, o educador deverá questionar se os estudantes conhecem a Declaração Universal dos Direitos Humanos e informar que realizarão a leitura dos Artigos XXIII, XXIV, XXV e XXVI, que versam sobre o direito ao trabalho e à educação.

Cada participante deverá receber uma cópia da DUDH e, em seguida, o educador conduzirá uma breve leitura e contextualização do documento, discutindo com a turma cada item dos artigos apresentados. É importante que este momento seja realizado de forma dialógica, questionando junto aos estudantes a importância do documento, que se configura como um tratado internacional. Deve-se ressaltar que os direitos prescritos, apesar de muitas vezes não se efetivarem, podem servir de base para a luta pela sua concretização.

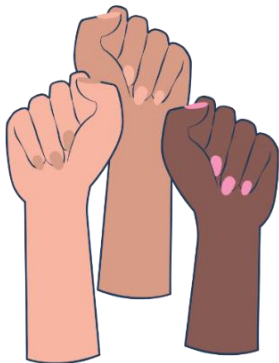
Algumas questões podem nortear a discussão, tais como as colocadas ao lado.

- 1- O que é necessário para uma vida digna?**
- 2 - O que seria um salário justo?**
- 3 - Esses direitos são respeitados no Brasil? Por quê?**
- 4 - Toda pessoa que exerce a mesma atividade recebe a mesma remuneração?**

A discussão deverá levar em conta as experiências de violação dos direitos vivenciadas pelos estudantes.

O QUE MAIS ME INDIGNA NO UNIVERSO DO TRABALHO?

Adaptado: Estética do Oprimido_ 20 min



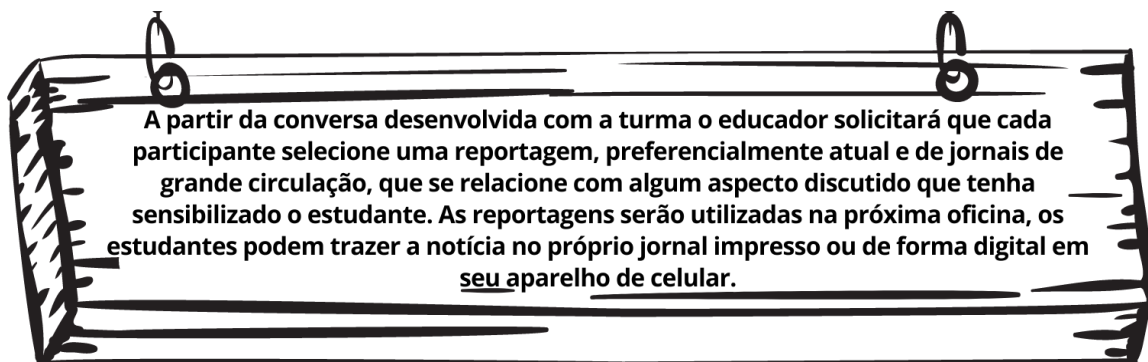
DESCRIÇÃO: A partir do debate sobre a DUDH e sua reiterada violação na realidade que enfrentamos, cada participante será convidado a escrever, brevemente em cinco linhas, o que mais o indigna no universo do trabalho, considerando suas vivências laborais. Após cada um ter escrito seu texto, o educador irá recolher todos os escritos e montar um mural com a turma, convidado todos a lerem as produções, identificando semelhanças e diferenças.

Como podemos relacionar as produções com os artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos?

Quais são as violações de Direitos que se encontram nos textos produzidos?

4. FINALIZAÇÃO DA OFICINA_10min

É importante ao final dos encontros conversar sobre as vivências realizadas. Assim, em círculo, os participantes poderão destacar o que mais os sensibilizou no encontro, possíveis dificuldades encontradas e comentários livres.



5. MATERIAL DE APOIO

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

ARTIGO 23

1. Todo ser humano tem direitos ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego.
2. Todo ser humano, sem qualquer distinção, tem direito a igual remuneração por igual trabalho.
3. Todo ser humano que trabalha tem direito a uma remuneração justa e satisfatória que lhe assegure, assim como à sua família, uma existência compatível com a dignidade humana e a que se acrescentarão, se necessário, outros meios de proteção social.
4. Todo ser humano tem direito a organizar sindicatos e a neles ingressar para proteção de seus interesses.

ARTIGO 24

Todo ser humana tem direito a repouso e lazer, inclusive a limitação razoável das horas de trabalho e a férias remuneradas periódicas.

ARTIGO 25

1. Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e à sua família saúde, bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis e direito à segurança em caso de desemprego, doença invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle.
2. A maternidade e a infância têm direito a cuidados e assistência especiais. Todas as crianças, nascidas dentro ou fora do matrimônio, gozarão da mesma proteção social.

ARTIGO 26

1. Todo ser humano tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.
2. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do ser humano e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.
3. Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrada a seus filhos.

Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.
Acessado em: 10 fev. 2021.

TEATRO DO OPRIMIDO E DIREITOS HUMANOS NO UNIVERSO DO TRABALHO
OFICINAS PEDAGÓGICAS PARA O PROEJA

OFICINA 3

O QUE MAIS ME INDIGNA NO
UNIVERSO DO TRABALHO?



OFICINA 3: O QUE MAIS ME INDIGNA NO UNIVERSO DO TRABALHO

1. ESTRUTURA DA OFICINA

Neste encontro iremos trabalhar com as reportagens selecionadas pelos estudantes, improvisando cenas teatrais a partir delas.

O educador deve lembrar o trabalho desenvolvido na oficina anterior, identificando os aspectos apontados como fatores de indignação no universo do trabalho, assim como os aspectos normativos da DUDH, ressaltando que a positivação de direitos não garante sua efetivação, mas possibilita instrumentos para a luta pela dignidade humana.

2. OBJETIVO

- Aprofundar as relações entre dignidade do trabalhador e os direitos humanos relativos ao trabalho com a criação de cenas teatrais.

3. RECURSOS:

- Reportagens selecionadas pelos participantes.¹⁰



4. DESENVOLVIMENTOS DOS JOGOS

Antes de iniciarmos o trabalho com as reportagens, sugerimos o desenvolvimento de alguns jogos que servirão como aquecimento e preparação para cena.

TESTA, NARIZ E QUEIXO

2ª Categoria_05 min

DESCRIÇÃO: Em círculo, o educador deverá solicitar que os participantes toquem na parte do corpo que ele pronunciar. Assim, ao falar “testa”, todos devem tocar na testa (inclusive o educador), nariz e queixo, o mesmo procedimento. Depois de solicitar algumas vezes, em sequências variadas, o educador irá pronunciar uma parte do corpo e tocar em outra, por exemplo: ele pode falar “testa” e tocar no queixo. A tendência dos participantes é tocar no mesmo local que o educador tocar e não onde ele está solicitando verbalmente.

¹⁰ Ao final desta oficina apresento algumas sugestões de reportagens selecionadas a partir das opressões vivenciadas pelos respondentes da pesquisa realizada. O educador pode utilizá-las ou trazer outras notícias. No entanto, o ideal é trabalhar com as reportagens selecionadas pelos próprios participantes.

MÁQUINA RÍTMICA

2ª Categoria_25 min

Objetivo: Estimular a espontaneidade e criatividade dos participantes, assim como a expressão em movimento rítmico das concepções sobre o tema "desemprego"

Foco: Desenvolver movimentos rítmicos integrados aos movimentos dos demais participantes que "traduzam" as concepções sobre os temas sugeridos pelo educador.

DESCRIÇÃO: Este jogo consiste na criação de uma máquina rítmica, na qual cada integrante assumirá o papel de uma peça da engrenagem.

O educador solicitará que os participantes formem um círculo. Ele iniciará informando que este jogo consiste na criação de uma máquina rítmica, e perguntará aos participantes o que é uma máquina, quais suas características, utilidade, etc.

Após esta breve introdução, o educador convidará um voluntário a ocupar o centro da roda e iniciar um movimento rítmico acompanhado de um som que constitua uma das engrenagens da máquina proposta. O movimento deverá ser repetitivo, com início, meio e fim. Uma vez iniciado o movimento, o participante deverá continuar a repeti-lo até o final do exercício.

Todos os demais integrantes deverão observar o voluntário, a fim de entender como podem se encaixar no movimento proposto. Após alguns segundos, um segundo voluntário deverá ir ao centro da roda e completar o movimento do primeiro, como uma segunda peça nessa engrenagem. Sucessivamente, todos os participantes deverão integrar a máquina, sempre completando os movimentos dos colegas. É importante que o educador estimule os participantes a entrarem para compor a máquina, não deixando que fiquem muito tempo pensando. Os movimentos e sons devem ser sempre complementares aos que já estão sendo executados, sem imitá-los ou repeti-los.

Após todos os integrantes terem se inserido, o educador pedirá para que observem a máquina como um todo enquanto continuam a ação. O educador solicitará que os participantes acelerem a velocidade dos movimentos. Após alguns segundos, solicitará que os participantes, aos poucos, diminuam a velocidade, até cessarem completamente os movimentos.



Fonte: Imagem gratuita do site Canva



Máquina de ritmos¹¹

Exemplo simplificado do jogo para auxiliar o educador na aplicação

Este jogo é composto por quatro etapas. A primeira é o desenvolvimento da máquina sem temática definida, o que auxiliará os participantes no entendimento da atividade. Assim, cada participante realizará um movimento e um som ininterrupto e estruturará a máquina aleatoriamente. A segunda máquina proposta terá como tema o amor, e a terceira, o ódio.

Após o término das máquinas do amor e do ódio, os participantes deverão retornar ao círculo e conversar sobre os sons e movimentos produzidos em cada uma delas, comparando as diferenças e semelhanças.

Na quarta etapa do jogo, **os participantes serão convidados a construir uma máquina com uma temática específica, elencada pelo grupo ou pelo educador a partir das questões que se mostraram relevantes nos exercícios anteriores.**

Proponho como exemplo a construção da máquina do DESEMPREGO.

Após o desenvolvimento da máquina o grupo deverá analisar as imagens e sons produzidos, tentando aprofundar a reflexão, agora por palavras, sobre o tema proposto.

O que o desemprego acarreta em nossas vidas? Como isso se revela na máquina do desemprego? Como foram os movimentos executados?

Boal (2006, p.130) ressalta que “é extraordinário como a ideologia de um grupo, suas ideias políticas etc. podem se revelar em ritmo físico e sonoro. Tudo aquilo que pensamos e criticamos aparece”.

Assim, através deste jogo poderemos criar imagens para um tema inicialmente abstrato.

O desemprego aparece como um dos principais fatores de opressão relacionado ao universo do trabalho. O sujeito desempregado pode sentir-se inseguro, desamparado e incompetente. Também pode ter sua sobrevivência financeira e material ameaçada, o que é capaz de conduzir os indivíduos à

¹¹ Neste breve vídeo o educador tem um exemplo do jogo desenvolvido pelo Programa Interdisciplinar de Apoio às Escolas Públicas –PROINAPE. Ele pode auxiliar na compreensão da atividade. Disponível em: <https://youtu.be/Cb8UxEJ13uI>. Acessado em: 02 fev. 2021.

tristeza e até mesmo à depressão. Assim, trazer esse tema para o corpo, através de movimentos ritmos e sons, pode ser útil para abrir um diálogo sobre a temática.

Sendo o desemprego a temática escolhida, é importante que o educador evidencie que ele se constitui como um fenômeno estrutural, não responsabilizando o indivíduo pela condição de desempregado.

CINCO IMAGENS DE OPRESSÃO

Adaptado: Técnica de Teatro-imagem_50 min

Objetivo: Criar uma pequena cena que expresse uma relação de opressão relacionada a um dos temas retratados nas reportagens lidas e/ou nas vivências dos participantes.

Foco: Na criação de relações entre os movimentos rítmicos, sons e imagens construindo uma pequena história entre opressor e oprimido.

Com este jogo pretendemos ampliar a capacidade de produzir metáforas utilizando sons, imagens e palavras.

DESCRIÇÃO:

1ª Etapa: Cinco voluntários irão criar imagens que expressem o que acreditam ser situações de opressão relacionadas aos temas tratados nas oficinas e nas reportagens que selecionaram. Eles deverão trazer para o corpo as temáticas abordadas, criando uma imagem



corporal que retrate uma opressão relacionada aos temas discutidos.

É importante que o educador ressalte que **a opressão é sempre uma relação entre dois pólos**, assim as imagens podem retratar tanto o polo **oprimido**, o desempregado, o trabalhador; quando o **opressor**, o patrão, o governo, etc.

O primeiro voluntário deverá criar a imagem e todo o grupo irá reproduzi-la, assim se sucederá com os demais voluntários até termos as cinco imagens.

2ª Etapa: Após termos as cinco imagens, deveremos numerá-las e exercitar a realização das mesmas em diferentes sequências. Assim, o educador solicitará

que se reproduza a imagem 1, depois a 2, depois a 5, enfim, deve-se explorar muitas possibilidades de sequências e relações entre as imagens, considerando opressores e oprimidos.

3ª Etapa: Agora as imagens devem ser nomeadas. O grupo decidirá o nome que melhor representa cada uma das imagens, se não houver consenso acerca dos nomes sugeridos, pode-se realizar uma votação para defini-los. Novamente exercitaremos sequências variadas das imagens de opressão, agora chamando-as pelos nomes.

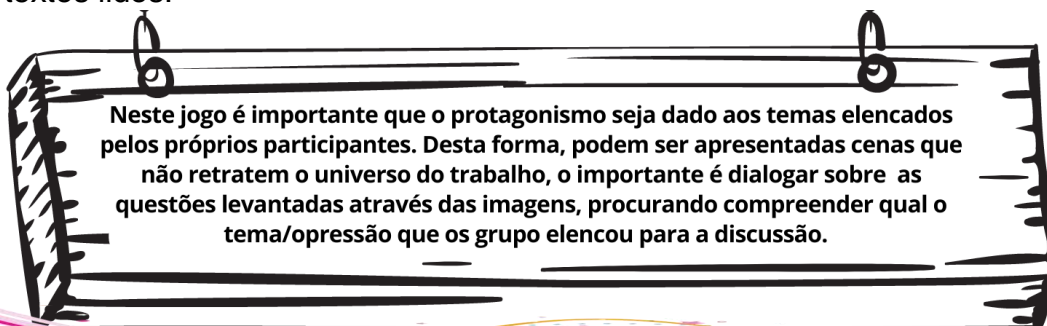


4ª Etapa: Nesta etapa os voluntários que criaram as imagens acrescentarão um pequeno movimento rítmico e som à imagem criada. O grupo deverá reproduzir duas vezes a imagem, agora com som e movimento. Novamente se explorará sequências, agora entre os movimentos e os sons criados, chamando-os pelos nomes.

5ª Etapa: Os participantes serão divididos em grupos (indica-se o mínimo de três e máximo de cinco participantes por grupo). Cada grupo deverá escolher três das cinco imagens/movimentos rítmicos criados e, sem usar palavras, desenvolver uma pequena narrativa de opressão, inserindo e relacionando os movimentos rítmicos. O grupo poderá incluir outros elementos na criação da cena.

6ª Etapa: Apresentação – O educador solicitará que se organize dois espaços, entre os espect.-atores, um para assistir à cena e outro para apresentá-la.

7ª Etapa: Após cada apresentação, o grupo será convidado a debater sobre as cenas apresentadas, identificando a opressão retratada e relacionando-a com os textos lidos.



Neste jogo é importante que o protagonismo seja dado aos temas elencados pelos próprios participantes. Desta forma, podem ser apresentadas cenas que não retratem o universo do trabalho, o importante é dialogar sobre as questões levantadas através das imagens, procurando compreender qual o tema/opressão que os grupo elencou para a discussão.

OPRESSÕES NO UNIVERSO DE TRABALHO

Reportagens em cena _60 min

Objetivo: Criar uma pequena cena, utilizando as reportagens selecionadas.

Foco: Na criação de uma cena, utilizando imagens, sons, movimentos rítmicos e palavras que auxiliem na compreensão da notícia selecionada relacionando-a com as vivências dos estudantes.

DESCRIÇÃO: A turma será dividida em grupos, com no mínimo três e no máximo cinco participantes. Cada participante deverá apresentar para seu grupo a notícia selecionada, respondendo as questões do quadro abaixo.

Após cada participante apresentar sua matéria o grupo deverá escolher uma ou mais notícias para a criação de uma cena teatral.

O teatro-jornal representa o primeiro conjunto de técnicas do TO. Ele foi desenvolvido por Boal no contexto da ditadura militar brasileira. As técnicas objetivam relevar o que as notícias escondem. Com a improvisação teatral, partindo das notícias jornalísticas, pretende-se dar voz ao que não está escrito, explicitando conteúdo oculto (SANTOS, 2016).

Através das técnicas do teatro-jornal é possível transformar uma notícia, ou qualquer material não-dramático, em cenas de teatro.

- 1 - Do que trata a notícia?
- 2 - Qual sua fonte?
- 3 - O que lhe motivou a escolher esta notícia?
- 4 - Qual a relevância dela para a discussão proposta?
- 5- Ela se relaciona, de alguma forma, com suas vivências?



Não propomos o desenvolvimento das técnicas, mas a experimentação da criação de cenas teatrais a partir das notícias selecionadas pelos estudantes. Para ampliar o conhecimento do educador, apresentamos as técnicas propostas por Boal.

Técnicas possíveis para a construção das cenas de Teatro-jornal:

<p>1</p> <p>Leitura Simples</p>	<p>Apenas a leitura da notícia. O grupo poderá escolher entre as notícias selecionadas a que seja mais significativa a eles. Se a matéria for muito grande o grupo deverá selecionar as partes mais relevantes. Novas interpretações podem surgir da simples leitura da matéria fora do contexto jornalístico.</p>
<p>2</p> <p>Improvisação</p>	<p>Nesta técnica a notícia é improvisada pelo grupo. Pode-se manter trechos originais da reportagem, mas a intenção é transformá-la em ações contextualizadas, podendo ou não ter falas. A notícia deve ser apropriada pelos participantes e improvisada, no entanto, ela servirá apenas como um roteiro. Pode-se improvisar também o que motivou o desenrolar dos fatos narrados na notícia, ou o que se sucedeu antes ou após o fato narrado.</p>
<p>3</p> <p>Leitura com Ritmo</p>	<p>O grupo realizará a leitura da matéria, porém as palavras serão apresentadas de forma ritmada, buscando-se ritmos e sonoridades que reforcem a mensagem transmitida ou que revelem informações ocultas no texto jornalístico. Cada ritmo pode despertar emoções, imagens e ideias, pois possuem um conteúdo próprio.</p>
<p>4</p> <p>Ação Paralela</p>	<p>Acontecem duas situações simultâneas, enquanto a notícia é lida por um ator os demais realizam ações que explicam, reforçam ou criticam a notícia.</p>
<p>5</p> <p>Reforço</p>	<p>A reportagem será um roteiro, uma base para a apresentação que deverá ser preenchida com materiais já conhecidos pelo público, como propagandas, trechos de vídeos virais, filmes, etc.</p>
<p>6</p> <p>Leitura Cruzada</p>	<p>Nesta técnica é realizada a leitura de duas ou mais matérias de forma cruzada. O grupo pode escolher duas matérias que se complementam ou que sejam antagônicas, ou ainda uma matéria que revele falácias da outra. Também pode ser realizada a confrontação da matéria selecionada com os textos normativos dos direitos do trabalhador. Após a escolha das matérias é estruturada uma leitura intercalada das mesmas.</p>
<p>7</p> <p>Histórico</p>	<p>Nesta técnica busca-se evidenciar a construção histórica-social que levou ao desenrolar dos fatos narrados na notícia. Desta forma, a notícia torna-se melhor compreendida.</p>
<p>8</p> <p>Entrevista de Campo</p>	<p>Na técnica de entrevista de campo, personagens que aparecem na reportagem ou que tem ligação com o tema tratado são entrevistados. A entrevista retira os discursos de um contexto mais solene e pode ajudar a desmascarar demagogias e falácias. Os personagens entrevistados são encenados pelos participantes.</p>
<p>9</p> <p>Concreção da Abstração</p>	<p>Nesta técnica as notícias devem ganhar formas concretas. Muitas reportagens trazem informações amplas ou genéricas sobre dramas sociais, tais como reportagens sobre mortes violentas, o rompimento de barragens, o aumento do número de desempregados, etc. A notícia genérica ou abstrata não nos toca, continuamos nossas vidas insensíveis à situação relatada. A proposta nesta técnica é tornar concreta certas palavras noticiadas, o desemprego deve ser materializado no trabalhador desempregado com a família para sustentar, por exemplo.</p>

Fonte: "Técnicas latino-americanas de Teatro popular" (BOAL, 1979, p.44)

Após a escolha das reportagens para a improvisação, os estudantes irão pensar em como podem adaptá-la para uma cena teatral. O educador poderá auxiliá-los, inspirando-se nas técnicas apresentadas. Os grupos poderão incorporar na criação cênicas outros textos trabalhados na oficina, como trechos do poema “Operário em Construção” e da composição “Música de Trabalho” ou outros elementos que os participantes desejarem. Escolhidas as reportagens, os grupos deverão conversar sobre como o conteúdo apresentado na matéria se relaciona com os artigos sobre o direito ao trabalho presentes na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

ENSAIO DAS CENAS

Para a criação das cenas, os participantes poderão utilizar todo o repertório de imagens, sons e movimentos rítmicos criados ao longo da oficina, assim como as imagens de opressão criadas no exercício anterior.

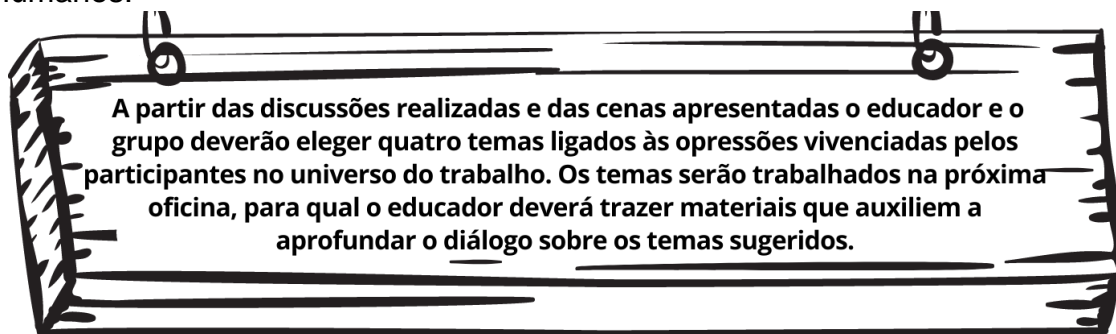
O grupo deverá construir uma cena curta e ensaiá-la. O educador deve ressaltar que a cena pode ser simples e que não existe certo ou errado nesta proposta.

APRESENTAÇÃO

Após a construção das cenas, os grupos irão apresentá-las para os demais participantes.

5. FINALIZAÇÃO DA OFICINA_ 10 min

Depois das apresentações, deve-se abrir espaço para discutir o que foi visto, as imagens e sons produzidos, as sensações e emoções causadas e a relação das temáticas discutidas com a Declaração Universal dos Direitos Humanos.



Na sequência, em “Material de apoio”, apresento algumas reportagens selecionadas a partir dos temas e questões identificadas na pesquisa realizada; o material é apenas sugestivo. O importante para o exercício é partir das reportagens relevantes para o grupo.

6. MATERIAL DE APOIO

HORAS EXTRAS EM EXCESSO PODE CAUSAR DANO MORAL

A definição em lei da jornada de trabalho tem como objetivo evitar abusos dos empregadores e a exposição dos empregados a carga semanal de trabalho que prejudique sua saúde, convívio familiar e social.

Segundo o artigo 7º, inciso XIII, da Constituição Federal, a jornada de trabalho deve ter duração máxima de 8 horas diárias e 44 semanais.

Segundo a CLT, os trabalhadores podem realizar somente duas horas extras diárias. Jornadas com doze horas de duração são permitidas em casos e situações excepcionais.

Jornadas extensas de trabalho podem provocar fadiga e até mesmo acidentes laborais, neste sentido a limitação da carga horaria semanal e também do tempo máximo de horas extras visa proteger a saúde dos empregados.

A fadiga por excesso de trabalho se caracteriza por fraqueza, cansaço, falta de energia e exaustão, sintomas que afetam todos os aspectos da vida dos trabalhadores submetidos a estas condições. Assim, é fundamental que o empregador respeite os limites impostos por lei em relação a duração das jornadas de trabalho e das horas extras, pois o excesso destas podem conduzir a situação não mais produtivas no ambiente de trabalho e provocar exaustão aumentando muito as chances de acidentes de trabalho e diminuindo a qualidade de vida e saúde do empregado.

Os Tribunais Regionais do Trabalho de diversos estados já condenaram empresas por submeter seus empregados a jornadas excessivas de trabalho. O TRT do Rio Grande do Norte, por exemplo, condenou uma empresa de segurança e transportes a pagar indenizações por danos morais no valor de R\$ 50 mil.

De acordo com o desembargador José Barbosa Filho, “a reiteração de conduta pela empresa, que submete seus empregados a jornadas que não respeitam os limites constitucionais e legais, afrontando assim normas de saúde e segurança dos trabalhadores, é suficiente para configurar o dano moral”.

Segundo o magistrado, havia provas no processo de que os empregados da empresa prestaram horas extras acima do limite legal de duas horas, excedendo, em alguns casos, em 5,6 ou 7 horas, em reiteradas ocasiões, expondo os trabalhadores a maior risco de acidente.

Adaptado da reportagem “Horas extras em excesso pode causar dano moral”. Disponível em: <https://www.jornalcontabil.com.br/horas-extras-em-excesso-poda-causar-dano-moral/#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20desembargador,para%20configurar%20o%20dano%20moral%E2%80%9C.> Acessado em: 10 fev. 2021.

MUITAS HORAS TRABALHADAS POR DIA - MODA ESCRAVA: MULHERES SÃO MAIORIA EM TRABALHO INDIGNO NA ÁREA TÊXTIL EM SP

A reportagem informa, que no estado de São Paulo em 2019, o Ministério Público do Trabalho resgatou 139 pessoas em condições de trabalho análogas à escravidão. Uma quantidade expressiva destes sujeitos são mulheres que trabalhavam em oficinas de costura.

Segundo o Código Penal brasileiro o trabalho análogo à escravidão é aquele no qual há jornada exaustiva, com salários muito baixos ou que apresenta condições degradantes, que coloquem em risco a saúde e a vida do trabalhador, também quando há trabalho forçado e servidão por dívida.

No estado de São Paulo, o setor têxtil é o primeiro colocado nas denúncias de trabalho escravo recebidas pelo Ministério Público do Trabalho, seguido da construção civil e do setor de restaurantes. Em 2018, a grife Amíssima, foi condenada a pagar indenizações aos seus funcionários no valor de R\$533 mil por manter oficinas com trabalhadores em condições análogas ao trabalho escravo. Uma calça desta grife chega a custar R\$3.000,00.

Esta não foi a única grife associada ao trabalho escravo, diversas outras marcas, como a Animale, Farm, Foxton, dentre outras, foram acusadas de manter costureiras com jornadas de trabalho com mais de 12 horas por dia, a maioria das costureiras destas grifes são imigrantes bolivianas. Um vestido da marca Animale chega a custar R\$6.500,00.

A indústria têxtil de São Paulo é a maior do país, possuindo grande informalidade e mão de obra barata em sua cadeia produtiva. A terceirização nos serviços de corte e costura é o motor deste setor que é altamente lucrativo e envolve grifes de renome nacional.

Segundo a promotora do trabalho Tatiana Simonetti, a cidade de São Paulo concentra muitas imigrantes bolivianas, paraguaias e venezuelanas, muitas destas mulheres chegam ao Brasil sem educação escolar e nem capacitação profissional, assim, veem nas oficinas clandestinas de costura a possibilidade de trabalho e teto para suas famílias.

Dalila Figueiredo, presidente da Associação Brasileira de Defesa da Mulher, da Infância e da Juventude, afirma que as imigrantes são vítimas perfeitas para o trabalho escravo nas oficinas de costura, pois estão longe de suas famílias, apresentam dificuldades com o idioma, desconhecem as leis trabalhistas e os meios de proteção e canais de ajuda, como o Ligue 180, ou o site do Ministério Público do Trabalho.

"O agravante das confecções de roupas clandestinas é que o mundo do trabalho e o mundo doméstico estão longe da fiscalização. O que as torna um celeiro fértil para a conexão entre as diversas formas de violência baseada em gênero. A mulher explorada em condições análogas à escravidão também é obrigada a assumir sozinha o trabalho doméstico no local. E muitas são vítimas de violência, como agressões psicológicas, físicas, patrimoniais e tentativas de feminicídio, situação agravada pelo isolamento social", diz Dalila.

Segundo a OIT (Organização Internacional do Trabalho), 71% das vítimas de trabalho escravo contemporâneo no mundo são mulheres. No Brasil, os dados apontam que elas seriam apenas 5%. Para especialistas, a diferença gritante entre os dois índices é resultado da subnotificação.

Lys Sobral, coordenadora nacional da Erradicação do Trabalho Escravo, afirma: "Antes da pandemia, já estava mesmo faltando fiscal na rua. Enquanto isso, a situação de miséria aumentou, já que o setor econômico fechou as portas. Quem já estava trabalhando sem registro, agora mais do que nunca, precisou trabalhar. E as pessoas se sujeitam a isso [condições precárias de trabalho] por necessidade, para ter o que comer".

A pena para quem submete uma pessoa a trabalho escravo ou a condição análoga à de escravidão é de cinco a dez anos de reclusão e multa. Denúncias podem ser feitas nos canais: Disque 100 e Ligue 180.

Adaptado da reportagem "Moda escrava: mulheres são maioria em trabalho indigno na área têxtil em SP". Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/08/29/moda-escrava-setor-textil-e-o-que-mais-recruta-mulheres-em-sao-paulo.htm>. Acessado em: 05 jan. 2021.

VIVER COM UM SALÁRIO MÍNIMO: CONHEÇA A HISTÓRIA DE TRÊS MULHERES QUE REPRESENTA A DE MUITAS BRASILEIRAS

A Constituição Federal de 1988 estipula o salário mínimo como direito de todos os trabalhadores, sejam urbanos ou rurais, o valor determinado em lei deveria ser suficiente para atender as necessidades básicas dos trabalhadores e suas famílias, tais como moradia, alimentação, saúde, vestuário, transporte, dentre outras, no entanto, na prática a realidade é bem distinta.

Em janeiro de 2021 o salário mínimo passou a ser de R\$1.100,00, valor muito distante do necessário para que a maioria dos trabalhadores brasileiros consigam suprir as necessidades vitais.

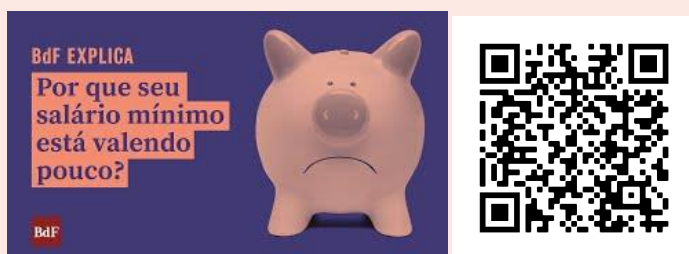
A reportagem apresenta a história de três mulheres que sobrevivem recebendo um salário mínimo mensal: Fabiana, empregada doméstica de 31 anos que é mãe solo e sustenta suas duas filhas com seus rendimentos, a trabalhadora afirma que é necessário recorrer a ajuda de familiares quando há gastos extras, como com medicamentos. “O que ganho não dá para cobrir nenhum imprevisto”, informa Fabiana.

Elsa, de 81 anos, já é aposentada e apesar de não pagar aluguel, afirma que o que ganha não é suficiente para arcar com suas contas básicas. Sendo necessário fazer trabalhos extras para complementar a renda e conseguir sobreviver. “Não se vive com mil reais. Se você pega uma receita e vai na farmácia, já deixa R\$200. No supermercado não dá para comprar o que quer, mas só o necessário”, lamenta.

Já Rosalina, de 39 anos, entrou para o universo da informalidade para sustentar suas duas filhas e uma neta, há cinco anos a trabalhadora vende bolos, com ganhos mensais variando de acordo com as vendas. “Trabalho em casa e a minha renda às vezes não chega nem a um salário mínimo”, relata. O gasto com a alimentação é a principal despesa da família, que tem sofrido com as dificuldades nas vendas no período de pandemia.

Segundo dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), o salário mínimo necessário para atender as necessidades do trabalhador e sua família (considerando dois adultos e duas crianças), em dezembro de 2020, deveria ser de R\$ 5.304,90.

Período	Salário mínimo nominal	Salário mínimo necessário
2020		
Dezembro	R\$ 1.045,00	R\$ 5.304,90
Novembro	R\$ 1.045,00	R\$ 5.289,53
Outubro	R\$ 1.045,00	R\$ 5.005,91



Pequeno vídeo explicativo sobre os objetivos e história do salário mínimo ¹

Adaptado da reportagem “Moda escrava: mulheres são maioria em trabalho indigno na área têxtil em SP”. Disponível em: <https://recontaai.com.br/viver-com-um-salario-minimo-historia-de-tres-mulheres-que-representa-a-de-muitas-brasileiras/>. Acessado em: 08 jan. 2021.

¹Disponível em: <https://youtu.be/qDL3I2ilvcU>. Acessado em: 08 jan. 2021.

ESTABELECER METAS INATINGÍVEIS DÁ DIREITO À INDENIZAÇÃO

A matéria esclarece os limites entre cobranças plausíveis dos empregadores e quando o excesso de cobranças se torna assédio moral, podendo resultar inclusive em processos judiciais contra as empresas.

Assim, segundo parte dos juízes brasileiros, conforme determinado em diversos processos julgados pelos Tribunais Regionais do Trabalho, o estabelecimento de metas impossíveis de serem cumpridas pelos trabalhadores configura-se como assédio moral e pode até gerar direito a indenizações por danos morais.

Qual o limite entre uma meta alcançável com esforço e dedicação e metas inatingíveis?

As metas estabelecidas pelas empresas, que muitas vezes visam estimular o engajamento dos trabalhadores, devem ser estabelecidas dentro de limites que não produza o esgotamento físico e mental dos empregados e não prejudique sua saúde. Diversos setores, dentre eles o bancário, elevam constantemente as metas almejando aumentar a produção e o lucro, e muitas vezes não respeitam os limites dos trabalhadores, ferindo o princípio da dignidade da pessoa humana, estabelecido em nossa Constituição de 1988.

O excesso de cobranças, com metas inatingíveis, ocasionam muitas vezes o esgotamento físico e mental dos trabalhadores, aumentando a probabilidade de acidentes de trabalho e o desenvolvimento de transtornos psiquiátricos.

Quando as metas se tornam inatingíveis e as cobranças e pressões passam a utilizar ameaças, como o corte de salários e ameaças de demissões, o funcionário pode estar sofrendo assédio moral. Em algumas gigantes do varejo ditas “respeitáveis”, chegou-se ao cúmulo de expor ao ridículo os funcionários que não atingiam as metas com pagamento de “prendas”, como dançar em cima de uma mesa, deitar-se em um caixão ou usar camisas com apelidos.

Ainda que a legislação brasileira não preveja o assédio moral, a Consolidação das Leis do Trabalho explicita situações de desrespeito ao trabalhador que o permite rescindir o contrato e solicitar indenização, assim segundo o artigo 483, *o empregado poderá considerar rescindido o contrato e pleitear a devida indenização quando:*

- a) forem exigidos serviços superiores às suas forças, defesos por lei, contrários aos bons costumes, ou alheios ao contrato;*
- b) for tratado pelo empregador ou por seus superiores hierárquicos com rigor excessivo;*
- c) correr perigo manifesto de mal considerável;*
- d) não cumprir o empregador as obrigações do contrato;*
- e) praticar o empregador ou seus prepostos, contra ele ou pessoas de sua família, ato lesivo da honra e boa fama;*
- f) o empregador ou seus prepostos ofenderem-no fisicamente, salvo em caso de legítima defesa, própria ou de outrem;*
- g) o empregador reduzir o seu trabalho, sendo este por peça ou tarefa, de forma a afetar sensivelmente a importância dos salários.*

Adaptado do Blog Segurança do Trabalho. Disponível em:

<https://www.blogsegurancadotrabalho.com.br/estabelecer-metas-inatingiveis-da-direito-a-indenizacao/>.

Acessado em: 06 jan. 2021.

TEATRO DO OPRIMIDO E DIREITOS HUMANOS NO UNIVERSO DO TRABALHO
OFICINAS PEDAGÓGICAS PARA O PROEJA

OFICINA 4

SITUAÇÕES DE OPRESSÃO NO UNIVERSO
DO TRABALHO
TEATRO-IMAGEM



OFICINA 4 - SITUAÇÕES DE OPRESSÃO NO UNIVERSO DO TRABALHO: TEATRO-IMAGEM

1. ESTRUTURA DA OFICINA

Nesta oficina abordaremos retratos do trabalho no Brasil a partir das opressões vivenciadas pelos participantes. Utilizaremos as técnicas do teatro-imagem para criação de cenas e discussão sobre possibilidades de superação das opressões identificadas.

O educador deverá apresentar os objetivos da oficina e relembrar o trabalho desenvolvido nas oficinas anteriores.

2. OBJETIVO

- Criar cenas de teatro-imagem que retratem opressões vivenciadas pelos participantes;
- Discutir, através das cenas criadas, possíveis formas de resistências às opressões apresentadas.

3. RECURSOS

- Textos selecionados pelo educador sobre os temas escolhidos na oficina anterior.



DISCUSSÃO E APROFUNDAMENTO SOBRE OS TEMAS DE OPRESSÃO

30 min

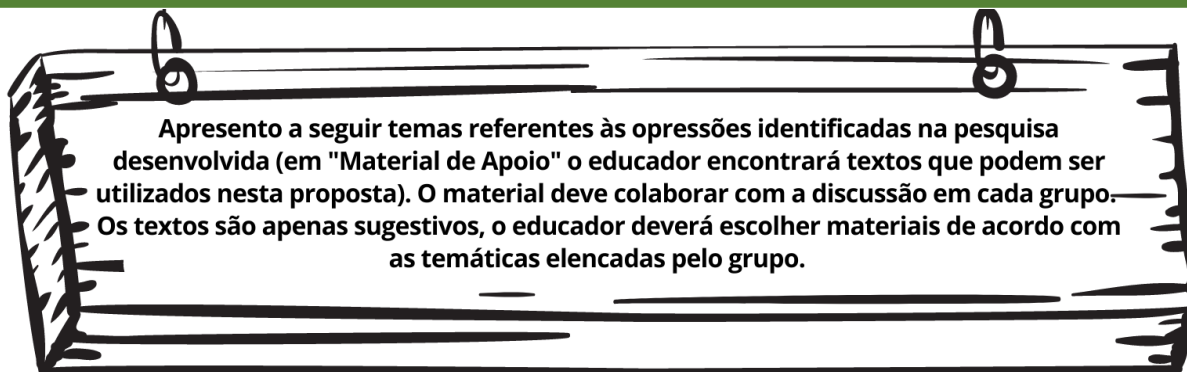
O educador deverá dividir os participantes em grupos (indica-se o mínimo de quatro participantes por grupo). A divisão será estabelecida a partir dos temas elencados na oficina anterior. Cada participante deverá escolher o tema que retrate uma opressão vivenciada ou com a qual se solidariza.

Cada grupo deverá receber o material selecionado pelo educador e a partir dele iniciar uma discussão sobre o tema proposto. O educador pode propor a questão ao lado para auxiliar no debate.

Após a leitura do material e compartilhamento das vivências nos grupos, os participantes deverão socializar a discussão com o restante da turma, relatando brevemente o que foi discutido.

Você já vivenciou alguma situação opressiva relacionada a este tema?

A partir de suas vivências e do material disponibilizado converse com o seu grupo sobre o tema escolhido.



Apresento a seguir temas referentes às opressões identificadas na pesquisa desenvolvida (em "Material de Apoio" o educador encontrará textos que podem ser utilizados nesta proposta). O material deve colaborar com a discussão em cada grupo. Os textos são apenas sugestivos, o educador deverá escolher materiais de acordo com as temáticas elencadas pelo grupo.

DIVERSIDADE DE GÊNERO E IGUALDADE DE OPORTUNIDADES NO TRABALHO

12

SOCIEDADE

Sem direitos e auxílio emergencial, trabalho doméstico perde 1,5 milhão de vagas

Invisibilizada, categoria sofre com informalidade, falta de acesso à direitos básicos e desprezo por parte das políticas públicas do governo

A reportagem aborda as dificuldades enfrentadas pelas mulheres que atuam em serviços domésticos durante a pandemia de Covid-19. As trabalhadoras sofrem de forma mais intensa com a informalidade, a falta de acesso a direitos básicos e a falta de políticas públicas direcionadas a elas. A matéria relata casos de abuso e violações de direitos das trabalhadoras domésticas, que, por medo de perderem o emprego, tiveram que trabalhar durante a pandemia, sendo expostas à possibilidade de contaminação, mesmo em situações em que os patrões testaram positivo para Covid-19.

PRESSÕES NO UNIVERSO DO TRABALHO: ASSÉDIO MORAL 13

Empresários obrigam trabalhadores a se ajoelharem em protesto contra quarentena na PB

Denúncias anônimas de coação foram feitas ao sindicato dos Comerciantes de Campina Grande nesta segunda-feira (27)

A reportagem trata de um procedimento instalado pela Procuradoria do Trabalho de Campina Grande (PB) para apurar denúncias de que funcionários teriam sido obrigados a participarem de protestos pedindo a reabertura do comércio durante a pandemia de Covid-19. Segundo as denúncias, os

¹² Reportagem disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/sem-direitos-e-auxilio-emergencial-trabalho-domestico-perde-15-milhao-de-vagas/> Acessado em: 08 fev. 2021.

¹³ Reportagem disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/28/na-pb-empresarios-protestam-contra-quarentena-e-obrigam-trabalhadores-a-se-ajoelhar> Acessado em: 05 fev. 2021.

funcionários foram ameaçados de demissão. Em fotografias do protesto, os trabalhadores são vistos ajoelhados em frente à loja.

POPULAÇÃO LGBT E TRABALHO¹⁴

Premiado, gerente homossexual do Itaú é demitido após postar vídeo beijando o noivo

O banco justificou a demissão por “postura inadequada” após o bancário voltar de férias

A reportagem denuncia um possível ato de homofobia. Um funcionário do Itaú Unibanco foi demitido após ter postado um vídeo em suas redes sociais pedido seu noivo em casamento. Apesar do bom desempenho que o empregado apresentava, ele alega que meses antes do desligamento já sofria discriminação. Sua gestora solicitava que ele melhorasse a postura e os trejeitos, inclusive com comentários como “seja mais homem”. O ex-gerente abriu uma ação contra a empresa por danos morais e discriminação.

ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES¹⁵

ARTIGO

O 13º veio de uma greve geral

Há que se lembrar da greve geral de 1962 para sabermos que os direitos de hoje são frutos de lutas de ontem

A reportagem aborda a conquista do 13º salário, fruto da organização e luta da classe trabalhadora, expressa principalmente na greve geral de 1962. A grande mídia e os empregadores, donos das indústrias, alegavam que a obrigatoriedade do 13º desestabilizaria a economia, quebrando as empresas e aumentando o desemprego, fato que não ocorreu.

4. DESENVOLVIMENTO DOS JOGOS

Após a socialização das discussões, o educador convidará os participantes para a realização da parte prática da oficina. Sugerimos o desenvolvimento de alguns jogos antes de propormos as técnicas de teatro-Imagem.

¹⁴ Reportagem disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/04/06/premiado-gerente-homossexual-do-itaue-demitido-apos-postar-video-beijando-o-noivo> Acessado em: 05 fev. 2021.

¹⁵Reportagem disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/05/03/o-13o-veio-de-uma-greve-geral> Acessado em: 10 fev. 2021.

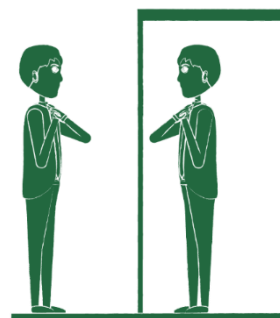
O ESPELHO SIMPLES

3ª Categoria_10 min

Objetivo: Auxiliar os jogadores a ver com o corpo todo, refletindo e não imitando o outro.

Foco: Em refletir perfeitamente o gerador dos movimentos.

DESCRIÇÃO: O educador solicitará que os participantes se organizem em duplas e espalhem-se pela sala, de forma a ocupar todo o espaço. Um integrante da dupla será o sujeito e outro a imagem. Eles devem olhar fixamente para os olhos um do outro. A dupla deverá esticar os braços e tocar apenas a ponta dos dedos, essa será a distância que devem manter durante todo o jogo.



O participante designado como sujeito irá iniciar uma movimentação simples, de forma lenta, explorando diversas possibilidades de movimento corporal e expressões fisionômicas. O participante designado como espelho, mantendo o olhar fixo no companheiro, deverá reproduzir a movimentação e as expressões com o máximo de detalhes que conseguir.

Os movimentos produzidos pelo participante designado como sujeito deverá ser realizado como em “câmera lenta”. O objetivo da dupla é alcançar a perfeita sincronia na movimentação, com a reprodução o mais fiel possível do sujeito designado como espelho. Os movimentos devem ser contínuos, podendo ser uma espécie de dança, ou reproduzir ações cotidianas, como escovar os dentes, tomar banho, espreguiçar, etc.

Após alguns minutos o facilitador solicitará que o participante que produz o movimento em cada dupla encerre a movimentação e os parceiros troquem de funções.



Exemplo do jogo
Espelho ¹⁶

¹⁶ Exemplo do jogo desenvolvido pelo Programa Interdisciplinar de Apoio às Escolas Públicas – PROINAPE. Disponível em :<https://youtu.be/75vG9rmH4FI>. Acessado: em 05 fev. 2021.

COMPLETAR A IMAGEM

4ª categoria_20 min

Objetivo: Auxiliar a compreensão de que é possível dialogar sem o uso da palavra, através das imagens criadas pela expressividade corporal e fisionômica.

Foco : Em completar as imagens criadas explorando seus diversos significados, esmiuçando assim a polissemia das mesmas.

DESCRIÇÃO: Este jogo é dividido em duas etapas, a primeira é uma demonstração realizada com a participação de todo o grupo. O espaço de trabalho deve ser dividido em dois, um para a cena e outro onde ficarão os demais spect.-atores.

O educador deverá solicitar a ajuda de dois voluntários, que ficarão no espaço da cena. Os dois participantes devem vir andando das extremidades da sala, um de frente para o outro. Ao se aproximarem devem se cumprimentar com um aperto de mão, congelando a imagem.

O educador estimulará os demais participantes a descreverem o que veem na imagem congelada, explicitando os possíveis significados que a imagem possa ter. Serão dois amigos que se encontraram casualmente na rua? O que a fisionomia dos participantes nos revela? O encontro é desejado por ambos? Serão dois empresários ao fim de um almoço de negócios? São muitas as possibilidades. “Imagens são polissêmicas, e os seus significados dependem não só delas mesmas, mas dos observadores” (BOAL, 2006, p.186).

Depois de os participantes terem explorado algumas possibilidades, o educador solicitará que um dos voluntários deixe o espaço da cena, enquanto o outro permanece congelado na mesma posição, ou seja, com a mão estendida para o aperto de mão, no entanto agora sozinho em palco. Novamente o educador irá questionar os participantes sobre o significado da imagem. Seria alguém indo ao alcance de um copo, ou da maçaneta de uma porta?



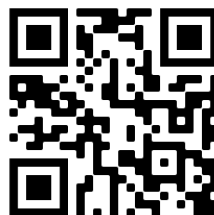
Fonte: Imagem gratuita do site Canva

Após a exploração de algumas possibilidades, o educador deverá convidar um terceiro voluntário a entrar em cena e completar a imagem do colega, que continuará imóvel, dando um novo significado a ela. Novamente os espect-atores devem informar os possíveis significados da nova imagem criada. Na sequência, o primeiro voluntário deixa o espaço do palco, enquanto o último que entrou permanece na posição criada, e um quarto voluntário entra na imagem, assim sucessivamente, sempre saindo um participante e ficando o outro para entrar o próximo, completando a imagem e criando novos significados.

Nesta construção de imagens, os participantes criam situações e personagens. Desse modo, sempre que se formarem novas imagens o educador poderá questionar os participantes, indagando: Quem está em cena? O que estão fazendo?

Esta demonstração constitui-se como a primeira parte do exercício.

Na segunda etapa todos os participantes devem formar duplas e se distribuir pelo espaço da sala, onde realizarão o mesmo jogo. Na dupla deverão designar quem é o número um e o número dois. Iniciarão com um aperto de mão numa imagem estática. Então, o educador pedirá que o número um se retire da imagem, enquanto o número dois permanece congelado. O número um deverá inserir-se novamente na imagem completando-a e dando um novo significado a ela, e assim sucessivamente. É importante que o educador ressalte que não é permitido o uso da palavra durante o jogo, a comunicação entre as duplas se dará através da criação das imagens com seus corpos.



Exemplo do jogo
Completa a
imagem¹⁷

¹⁷ Vídeo do Canal do YouTube do Instituto Fazendo História. Disponível em: <https://youtu.be/3QuqLYPISks>. Acessado em: 11 mar. 2021.

ILUSTRAR UM TEMA COM O PRÓPRIO CORPO

4ª categoria _ 20 min

Objetivo: Analisar as concepções dos estudantes sobre os temas sugeridos a partir da criação de imagens utilizando o próprio corpo.

Foco: Na criação de imagens, com o próprio corpo, que retratem os temas sugeridos.

DESCRIÇÃO: O educador irá solicitar que os participantes se organizem em um círculo e irá propor que cada participante, ao seu sinal, represente corporalmente o que entende pela palavra que ele irá proferir.

Sugerimos que a primeira palavra solicitada seja “**estudante**”. Assim, o educador irá solicitar que todos pensem numa imagem que represente a palavra, dando alguns segundos para os participantes pensarem na imagem que irão elaborar. Após isso, solicitará que todos fechem os olhos e, juntos, ao sinal do educador, criem a imagem estática. Com todos os participantes ainda na imagem criada, o facilitador solicitará que abram os olhos e analisem as imagens, procurando semelhanças e diferenças entre elas.

O mesmo procedimento se repetirá com as palavras que trazem temas mais específicos da oficina, como **trabalhador, trabalhadora, patrão, desemprego, resistência, assédio, luta, felicidade**. Outras palavras associadas à ideia de precarização do trabalho e resistência dos trabalhadores que foram levantadas ao longo das oficinas podem ser utilizadas neste jogo.



TEATRO-IMAGEM

As técnicas de teatro imagem são organizadas em modelo e dinamização: o modelo é a imagem inicial criada pelos participantes, já a dinamização são intervenções que o educador propõe no modelo original construído.

IMAGEM DA TRANSIÇÃO

Técnica de Teatro-imagem_ 60 min

Objetivo: Analisar as imagens criadas para superação de uma situação de opressão apresentada pelos participantes.

Foco: Na construção de uma imagem que retrate uma relação de opressão; na construção de uma imagem ideal, na qual a opressão é superada; e nas construções de imagens que retratem o percurso de superação.

DESCRIÇÃO:

1ª Etapa (A IMAGEM REAL): Os participantes deverão retornar aos grupos do início da oficina. A partir das temáticas elencadas, os estudantes deverão criar uma imagem que retrate aquela opressão. A construção da imagem se dará sem o uso da palavra. Os participantes do grupo deverão moldar os corpos dos colegas para construção da imagem, que deverá ser aprovada por todos. Todos os integrantes poderão modificar a imagem, se julgarem necessário, alterando sua posição na imagem e propondo alterações nas posições dos colegas.



A imagem deve conter as figuras do opressor e do oprimido, podendo conter também figuras de aliados do oprimido.

Após alguns minutos, cada grupo terá uma imagem imóvel, como uma fotografia, que retrate a situação de opressão escolhida.

2ª Etapa (A IMAGEM IDEAL): Após a criação da imagem real da opressão, os participantes criarão uma nova imagem, com a situação ideal, na qual a opressão é superada, construindo assim uma imagem que não seja opressiva para nenhum dos participantes.

Todo o grupo deverá opinar, não por palavras, mas moldando os corpos dos demais participantes, sobre a forma da imagem ideal. **Os espectadores devem manter os mesmos papéis (de opressores ou oprimidos) em ambas as imagens.**

Cada grupo irá memorizar suas imagens, repetindo-as algumas vezes, tanto a imagem real da opressão quanto a imagem ideal, na qual a opressão é superada.

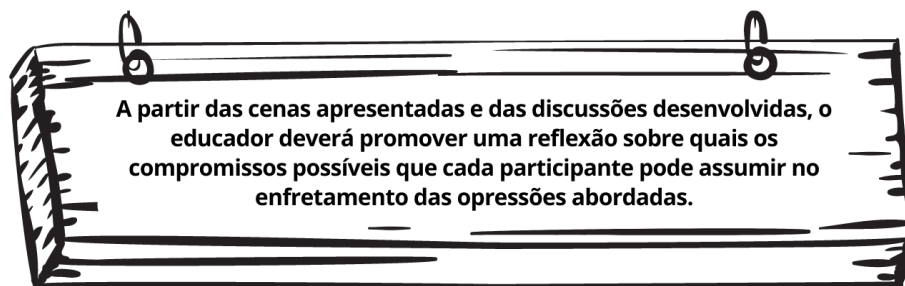
DINAMIZAÇÃO

Neste momento cada grupo será convidado a opinar sobre as formas de passagem da situação real de opressão para a imagem ideal (não-opressiva). Assim, cada participante do grupo, um de cada vez, deverá agir como um escultor, modelando a transição, modificando tudo que ache necessário ser mudado na imagem real. É importante que cada participante opine sobre as modificações propostas, pensando se a solução apresentada é real ou fantástica, ou seja, impossível de ser realizada. A discussão neste momento também deve se restringir ao uso das imagens, sem o uso da palavra.

Após a elaboração nos grupos, o educador convidará cada um deles a apresentar a produção para o restante da turma. Iniciarão com a imagem real da opressão, ao sinal do educador os participantes devem começar a se mover, revelando as imagens de transição propostas para chegar à imagem ideal. A movimentação do grupo será conduzida pelo educador, que irá bater uma palma para cada movimento do grupo. Assim, inicia-se com a imagem real, a cada palma cada integrante do grupo se movimentará no sentido da libertação da opressão apresentada, se estiver interpretando um oprimido, ou no sentido da manutenção da opressão, se estiver interpretando um opressor.

O educador baterá quantas palmas forem necessárias para que o grupo alcance a imagem ideal elaborada. Ao atingirem a imagem ideal, o grupo deverá cessar o movimento, congelando a cena.

Neste momento os demais participantes, que assistem à cena, serão convidados a debaterem a proposta de solução do conflito apresentada pelo grupo.



5. FINALIZAÇÃO DA OFICINA_10 min

Em círculo os participantes poderão destacar suas percepções sobre as oficinas e o trabalho desenvolvido.

6. MATERIAL DE APOIO:

DIVERSIDADE DE GÊNERO E IGUALDADE DE OPORTUNIDADES NO TRABALHO

A DUDH em seu Art. 23 ressalta que toda pessoa tem direito ao trabalho em condições justas e favoráveis, tendo direito a igual remuneração por igual trabalho, sem distinção de raça ou de gênero, no entanto, a realidade brasileira não se expressa assim, possuímos, segundo dados do IBGE, 14,1 milhões de desempregados, sendo que mais da metade destes são mulheres. A situação é ainda pior para as mulheres negras.

Apesar dos avanços das últimas décadas, com a inserção das mulheres no mercado de trabalho em diferentes funções e em todos os setores da economia, ainda há imenso desequilíbrio entre homens e mulheres quando se compara as condições de trabalho, a jornada de trabalho, as diferenças salariais e o acúmulo das demandas laborais com os afazeres domésticos e os cuidados na criação dos filhos. Assim, a realidade aponta que as desigualdades de gênero no universo do trabalho são expressivas na sociedade brasileira, que é marcada pelo machismo.

De acordo com o IBGE, em 2018, as mulheres trabalharam, em média, três horas semanais a mais que os homens, considerando os trabalhos remunerados e os afazeres domésticos.

Além destas diferenças, as mulheres também são vítimas de discriminações e violências no trabalho, tais como: assédio moral e sexual (caracterizado por condutas, ações e palavras, repetitivas de superiores e colegas de trabalho, com conteúdo de natureza sexual direta ou indiretamente) e julgamentos morais (quando as trabalhadoras são julgadas por fatores de sua vida privada, como comportamentos, roupas, etc.).

Segundo dados de uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, metade das trabalhadoras mães são dispensadas de seus empregos num período de até 24 meses após retornarem da licença maternidade, aumentando assim a dependência econômica em relação aos seus maridos e familiares e as possibilidades de sofrerem relações abusivas.



A luta por igualdade de gênero no universo do trabalho deve ser de todos. É de fundamental importância que os homens busquem informações e identifiquem os comportamentos e padrões que são prejudiciais às suas colegas de trabalho. É importante colocar-se como parceiro nesta luta conversando e chamando a atenção dos colegas ao presenciar ações e condutas machistas.

O machismo e ao assédio devem ser combatidos e denunciados por todos em qualquer ambiente, não apenas no ambiente de trabalho.

É dever das empresas e do Estado intervir em qualquer situação de assédio visando garantir a integridade e proteção das trabalhadoras, assim como implementar políticas que promovam a igualdade de gêneros no universo do trabalho.

Fontes: Smartlab - Observatório da Diversidade e da Igualdade de Oportunidade no trabalho. Disponível em: <https://smartlabbr.org/diversidade/localidade/3304557?dimensao=lgbt> Acessado em: 02 fev. 2021.

Reportagem da Carta Capital. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/sem-direitos-e-auxilio-emergencial-trabalho-domestico-perde-15-milhao-de-vagas/> Acessado em: 02 fev. 2021.

Reportagem da Folha dirigida. Disponível em: <https://folhadirigida.com.br/mais/noticias/especiais/os-desafios-da-igualdade-de-genero-no-mercado-de-trabalho> Acessado em: 02 fev. 2021.

COBRANÇAS E PRESSÕES NO UNIVERSO DO TRABALHO: ASSÉDIO MORAL

Muitas vezes o ambiente de trabalho é marcado por diversas formas de violência, tais como humilhações e cobranças desproporcionais por parte dos empregadores ou de superiores hierárquicos, tais atitudes podem ser caracterizadas como assédio moral. Assim, Barreto (2000) define o assédio como situações nas quais os trabalhadores são constrangidos e humilhados repetidas vezes em seu ambiente de trabalho por seu chefe hierárquico.

Barreto (2000) ressalta que o assédio acarreta danos materiais e morais ao trabalhador. Nestas práticas, que se caracterizam como uma forma de gestão, o que se busca é o exercício de domínio sobre o outro, com atos repetidos que comprometem a saúde psíquica e física dos empregados.

O assédio pode iniciar-se sutilmente, de maneira indireta, com atitudes como um olhar que ironiza e pode evoluir para apelidos que estigmatizam o outro, retirando a confiança em si e desestabilizando o empregado em seu ambiente laboral. (BARRETO, 2000).

Assim, as atitudes abaixo listadas, podem ser caracterizadas como assédio moral, quando ocorrem de forma frequente:

- Não repassar informações úteis para o trabalhador desenvolver suas funções;
- Cobrar excessivamente o trabalhador, com o estabelecimento de metas inatingíveis;
- Impedir ou pressionar o trabalhador para que ele não usufrua dos seus direitos, como férias, licenças, horas extras;
- Controlar ou limitar o tempo e a quantidade de vezes que o trabalhador utiliza/permanece no banheiro; isolar o trabalhador dos seus colegas de trabalho;
- Interrompe-lo constantemente; criticar a vida privada do trabalhador; espalhar fofocas e rumores a respeito do empregado;
- Gritar, xingar, apelidar ou contar piadas que, realizar gestos de desprezo ou que desqualifiquem a vítima (tais como olhares de desprezo, suspiros e expressões fisionômicas que desvalorizem o trabalhador);
- Provocar o empregado por suas crenças religiosas ou convicções políticas;
- Ameaçar física ou verbalmente.



Fonte: Imagem gratuita do site Freepik

Em nossa sociedade, constituída por classes sociais distintas, sexista e racista, as mulheres, os negros e homossexuais são vítimas mais frequentes do assédio moral.

Algumas providências podem ser tomadas pelo trabalhador assediado:

- Guardar provas do assédio, como e-mails, gravações de conversas, bilhetes, dentre outras; anote com detalhes as situações de assédio sofridas; procure ajuda dos colegas de trabalho; procure um representante sindical e relate os acontecimentos; evite conversar sozinho com o assediador.

Adaptado da Cartilha “Assédio Moral- Não aceite, não se cale, organize-se, combata”. Disponível em: https://sintufrj.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Cartilha_AssedioMoral-Vers%C3%A3o-LEPP-resumida-A5.pdf Acessado em: 02 fev. 2021.

POPULAÇÃO LGBT E TRABALHO

Segundo a Constituição Federal de 1988 todas as pessoas são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, no entanto, gays, lésbicas, transexuais e pessoas com orientação ou identificação de gênero diferente do padrão normativo sofrem discriminações e perdem oportunidades laborais.

Muitos profissionais LGBTs acreditam que expor sua sexualidade no ambiente de trabalho pode afetar negativamente sua carreira. Uma pesquisa realizada pela Center for Talent Innovation, em 2019, revelou que:

- 41% dos LGBT's entrevistados afirmaram já ter sofrido discriminação por sua orientação sexual ou identidade de gênero no ambiente de trabalho;
- 33% das empresas brasileiras consultadas não contratariam pessoas LGBT's para cargos de chefia;
- 61% dos trabalhadores LGBT's no Brasil escondem sua sexualidade de colegas de trabalho;
- 90% de travestis, por não conseguirem inserção no universo do trabalho formal, mesmo possuindo bons currículos, acabam recorrendo à prostituição como forma de sustento.

Assim, além das dificuldades enfrentadas por muitos brasileiros, a população LGBT encontra dificuldades específicas para encontrar um emprego e permanecer nos postos de trabalho, fato que, como aponta a pesquisa, acaba influenciando muitos trabalhadores LGBT's a esconderem sua orientação sexual ou de gênero com medo de sofrerem discriminações e mesmo perderem seus empregos.

Quando o preconceito é comprovado, seja por documentos ou testemunhas, há a possibilidade de se entrar com ação na justiça do trabalho.

O Tribunal Regional do Trabalho de Juiz de Fora condenou uma empresa a pagar indenização por danos morais num valor superior a R\$30 mil a um empregado que comprovou ter sido agredido com injúrias, fofocas e exclusão no ambiente de trabalho devido sua orientação sexual. O trabalhador recebeu ofensa e provocações de seu superior com frases do tipo: “seu cabelinho não é de homem” e “blusa rosa não é de homem”.



Fontes:

Smartlab - Observatório da Diversidade e da Igualdade de Oportunidade no trabalho. Disponível em: <https://smartlabbr.org/diversidade/localidade/3304557?dimensao=lgbt> Acessado em: 08 fev. 2021.

Reportagem do site da UPF. Disponível em: <https://www.upf.br/noticia/por-um-mercado-de-trabalho-que-nao-julgue-cor-credo-e-orientacao-sexual>. Acessado em: 08 fev. 2021.

Site do Tribunal Regional do Trabalho. Disponível em: <https://portal.trt3.jus.br/internet/conheca-o-trt/comunicacao/noticias-juridicas/nj-nj-especial-leis-e-decisoes-combatem-homofobia-no-ambiente-de-trabalho> Acessado em: 10 fev. 2021.

ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES

A organização dos trabalhadores é um dos grandes desafios para as próximas décadas, pois com as modificações no universo do trabalho, com o crescente uso das tecnologias e o avanço do neoliberalismo muitos direitos e conquistas realizadas em décadas anteriores estão sendo ameaçadas, impondo diversos desafios na organização e luta dos trabalhadores por condições dignas de trabalho.

Há um aumento muito grande das condições precárias de trabalho, das flexibilizações nas organizações do labor e na própria legislação. Com a reforma trabalhista de 2017, a organização dos trabalhadores, principalmente através dos seus sindicatos, foi enfraquecida, pois a contribuição sindical passou a não ser mais obrigatória e a possibilidade de contratação quase irrestrita de terceirizados por parte das empresas também dificulta a organização das classes trabalhadoras.

O novo mundo do trabalho, cada vez mais flexibilidade, possibilita grande aumento das jornadas de trabalho, das formas de contratação sem a garantia dos direitos previstos na CLT, e diminuição cada vez maior das remunerações. Aumentando, assim, cada vez mais a precarização dos trabalhadores formais e o aumento dos trabalhadores informais.

A lógica da meritocracia e do individualismo também invade o universo do trabalho, fazendo com que os trabalhadores não vejam tanta importância em se unir e desacredite das organizações sindicais.

Nestes momentos de perda de direitos é importante sabermos que muitas conquistas trabalhistas, como o 13º salário, o direito às férias, foram obtidos a partir da organização e da luta dos trabalhadores. A luta pela gratificação natalina, por exemplo, iniciou em 1921. Em 1943, pela primeira vez na história, trabalhadores de uma fábrica de São Paulo conquistaram o direito de um salário a mais ao final do ano. A partir desta conquista, diversos movimentos operários passaram a reivindicar o 13º salário através de comícios, passeatas e abaixo-assinados. Porém, foi apenas em 1962 que o 13º salário se tornou obrigatório por lei, após muitos meses de greve geral dos trabalhadores reivindicando o benefício, e resistência a pressão contra a concessão do benefício por parte dos empregadores e da grande mídia.

Assim, o 13º salário não foi um benefício concedido pelos governantes, mas fruto de muita luta da classe trabalhadora.

E atualmente, como os trabalhadores podem se organizar para enfrentar as más condições de trabalho e o desemprego?

Você já vivenciou ou presenciou alguma situação de opressão na qual seria necessário a união e organização dos trabalhadores para superá-la?

Converse com o seu grupo sobre esta temática e como vocês veem a organização dos trabalhadores hoje. Vocês criarão uma pequena cena que retrate alguma situação de opressão relacionada com este tema.

Adaptado da reportagem: O 13º veio de uma greve geral. Disponível em:

<https://www.brasilefato.com.br/2017/05/03/o-13o-veio-de-uma-greve-geral> Acessado em: 10 fev. 2021.



PALAVRAS FINAIS

As condições de trabalho em nossa sociedade vêm progressivamente impondo inúmeros desafios para a sobrevivência e a dignidade do trabalhador, afetando de forma mais acentuada os sujeitos pouco escolarizados. Por essa razão, espero que este material possa servir de inspiração para que as temáticas relativas aos Direitos Humanos, em especial as relacionadas ao universo do trabalho, sejam desenvolvidas dentro do cotidiano escolar. Desejo que este material possa contribuir com práticas que considerem as dimensões afetivas e estéticas e propicie momentos de troca de experiências, que considere as vivências e saberes que dos estudantes-trabalhadores trazem em seus corpos.

Espero que tenha sido prazeroso conhecer um pouquinho do Teatro do Oprimido e algumas possibilidades de aplicá-lo junto aos jovens e adultos do Proeja.

Em uma apresentação de TO, ou na aplicação dos jogos desta metodologia, o trabalho nunca se encerra quando finda a apresentação ou terminamos o jogo, pois as trocas e discussões geradas podem possibilitar o vislumbre de novos caminhos.

Assim, desejo que este Caderno possa gerar novos frutos e a descoberta de novas possibilidades diante das condições concretas de trabalho de cada educador e educadora e do diálogo com os sujeitos da EJA.



PARA SABER MAIS SOBRE O TEATRO DO OPRIMIDO

1. Augusto Boal e o Teatro do Oprimido.

Documentário de Zelito Viana, 2010, (62min).

O documentário retrata a trajetória do teatrólogo Augusto Boal, traçando a evolução do Teatro do Oprimido.



2. Site do Centro do Teatro do Oprimido – Rio de Janeiro. CTO/RIO

O Centro do Teatro do Oprimido, em atividade desde 1986, possui sua sede na Lapa, no Rio de Janeiro, e afirma-se como um centro de pesquisa e difusão da metodologia específica do Teatro do Oprimido. O CTO realiza permanentemente laboratórios e seminários, para revisão, experimentação, análise e sistematização de exercícios, jogos e técnicas teatrais. O CTO oferta cursos de formação inicial e continuada sobre a metodologia do TO.



3. Canal do YouTube do Grupo de Estudos em Teatro do Oprimido (GESTO)

Criado em 2010 por curingas que trabalharam com Augusto Boal, o Grupo de Estudos em Teatro do Oprimido dissemina informações sobre o método, promove cursos e oficinas, além de encontros para estudo teórico prático sobre a obra de Augusto Boal. Em seu canal do YouTube podemos encontrar vídeos sobre as principais obras do dramaturgo.



4. Teatro do Oprimido e educação – Entrevista com Bárbara Santos.

Entrevista, 2016, (7min25seg).

Entrevista da Faculdade de Educação da Unicamp com a Curinga Bárbara Santos, uma das mais importantes referências atuais do Teatro e da Estética do Oprimido. Bárbara fala sobre sua relação com a educação.



5. Teatro do Oprimido: um aliado na educação – Podcast com Helen Sarapecck, 2021 (25min47seg)

Série de quatro podcasts apresentado pela ativista e curinga do CTO Helen Sarapecck. No primeiro episódio é apresentada a Árvore do Teatro do Oprimido, o segundo aborda a estética do Oprimido na construção de uma educação antirracista, o terceiro trata da experiência “Teatro Social dos Afetos” baseado no TO e que luta na desconstrução do machismo, por fim, o quarto e último episódio relata a experiência de educadores com o TO no cotidiano escolar.



PARA SABER MAIS SOBRE DIREITOS HUMANOS NO UNIVERSO DO TRABALHO

1. A história dos Direitos Humanos. Curta-metragem, (9min30seg).

Curta-metragem que retrata a história dos Direitos Humanos produzido pela Organização Internacional Unidos pelos Direitos Humanos.



2. Toda pessoa tem o direito: os 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Documentário, 2018, (39min).

Produzido pelo jornal O Globo, o documentário narra a história de cinco pessoas que tiveram seus direitos violados.



3. Pessoas LGBT discriminadas no ambiente de trabalho. Reportagem, 2017, (13min37seg).

Produzido pelo Tribunal Superior do Trabalho, aborda a discriminação sofrida pelas pessoas LGBT no ambiente laboral.



4. CLT 70 Anos. Documentário, 2013, (13min49seg).

Documentário produzido pelo Núcleo de Comunicação Social do Tribunal Regional do Trabalho de Goiás, que aborda a criação e os avanços da Consolidação das Leis do Trabalho.



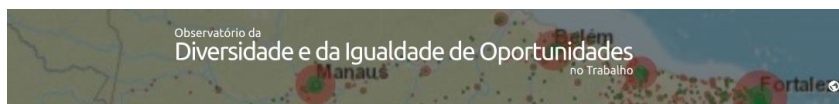
5. Como garantir igualdade às mulheres no mercado de trabalho? Documentário, 2019, (10min).

Documentário produzido pelo Tribunal Superior do Trabalho abordando as conquistas e desafios das mulheres no mercado de trabalho.



6. Site da Plataforma SmartLa.

Iniciativa conjunta do Ministério Público do Trabalho (MPT) e da Organização Internacional do Trabalho (OIT) que mapeia dados sobre a Promoção do Trabalho Decente.



7. Cartilha sobre Assédio Moral

Cartilha produzida pelo Sindicato dos trabalhadores em educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Disponível em: https://sintufRJ.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Cartilha_AssedioMoral-Vers%C3%A3o-LEPP-resumida-A5.pdf. Acessado em: 24/03/2021



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. **O Privilégio da servidão – o novo proletariado de serviços na era digital**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

BARRETO, Margarida Maria Silveira. **Uma jornada de humilhações**. 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2009a.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 9.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009b.

BOAL, Augusto. **Técnicas latino-americanas de teatro popular: uma revolução copernicana ao contrário**. São Paulo: Hucitec, 1979.

BRASIL. Ministério da Educação. **Documento Base da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio**. Brasília: MEC/SETEC, 2007. 59 p. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf. Acesso em: 05 maio 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA. Documento Base. Educação Profissional Técnica de Nível Médio / Ensino Médio**. Brasília: MEC/SETEC, 2007. 74 p. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/proeja_medio.pdf. Acesso em: 22 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Assédio: Violência e sofrimento no ambiente de trabalho**. Brasília: Secretaria Executiva. Subsecretaria de Assuntos Administrativos, 2009. 36 p. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/violencia_sofrimento_trabalho_assedio_sexual.pdf. Acesso em: 22 out. 2020.

CANDAU, Vera Maria *et al.* **Educação em Direitos Humanos e Formação de Professores (as)**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014. *E-Book Kindle*.

CANDAU, Vera Maria. **Oficinas pedagógicas de direitos humanos**. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

CANDAU, Vera Maria. **Tecendo a Cidadania: Oficinas pedagógicas de direitos humanos**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ENGELS, Friedrich. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. 3. ed. São Paulo: Global Editora, 1990. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000041.pdf>. Acesso em: 05 set. 2019.

FERREIRA, Ana Paula Dantas; MOURA NETO, Luís Gomes. **Caderno de oficinas - cidadania e o direito a ter direitos**. 1. ed. Mossoró, 2019. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/553464>. Acesso em: 11 jan. 2021.

HERRERA FLORES, Joaquín. **A (re)invenção dos direitos humanos**. Tradução de Carlos Roberto Diogo Garcia; Antônio Henrique Graciano Suxberger; Jefferson Aparecido Dias. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Primeiro trimestre de 2021. **Indicadores IBGE**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2021_1tri.pdf. Acesso em: 11 jun. 2021.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

RAMOS, Marise Nogueira. Possibilidades e desafios na organização do currículo integrado. *In*: FRIGOTTO, CIAVARRA, RAMOS (orgs.). **Ensino médio integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 106-127.

RAMOS, Marise Nogueira. **Concepções do ensino médio integrado**. Curitiba: Secretária de Educação do Estado do Paraná, 2008. Disponível em: http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br/go/files/concepcao_do_ensino_medio_integrado5.pdf. Acesso em: 15 ago. 2019.

SANTOS, Bárbara. **Teatro do Oprimido: Raízes e asas – uma teoria da Práxis**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2016.

VIANA, Dimir. **Teatro do oprimido na educação de jovens e adultos**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016.

